

NO LIMIAR DO MISTÉRIO

ROMANCE

CHARLES
RICHE



WILL
GARDNER

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

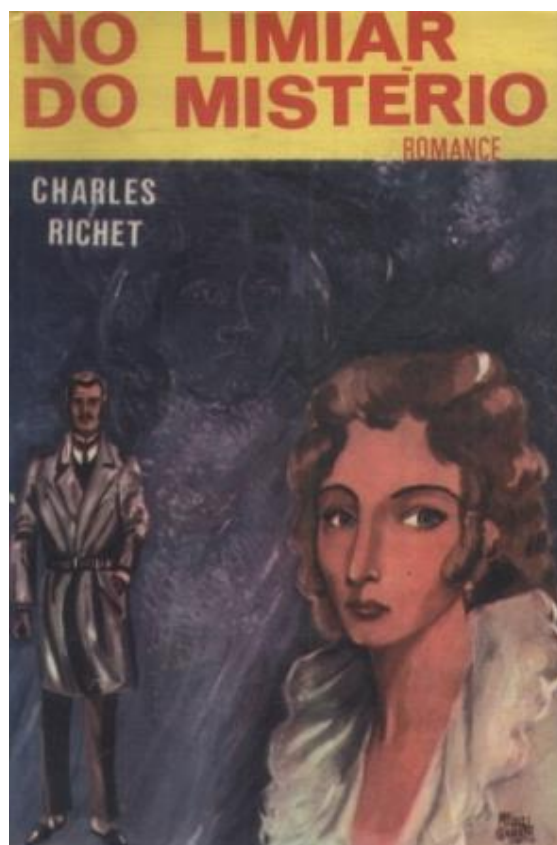
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



Charles Richet

No Limiar do Mistério

(Romance)

Título original em francês
Charles Richet - Au seuil du mystère
Editeurs: J. Peyronnet et Cie
Paris (1934)



Conteúdo Resumido

Este é o primeiro e único romance de autoria do sábio metapsiquista francês, Charles Richet, prêmio Nobel de Fisiologia em 1913. Retrata uma trama que se desenrola entre finais do século XIX e início do século XX, terminando com uma cena passada na primeira grande guerra de 1914.

A obra discute, com relativa abrangência, questões das relações humanas, particularmente a família e seu universo pontilhado de paradoxos, angústias, frustrações, perdas, alegrias...

No decorrer da obra, observam-se diversos incidentes ligados aos conceitos Espiritismo, especialmente a reencarnação, ressaltando, ainda, os fenômenos psíquicos – projeção astral, clarividência, premonição, efeitos físicos, visões no leito de morte, pneumatografia e muitos outros.

Sumário

Charles Richet e o Espiritismo	3
Prefácio da tradutora	10
Prefácio do autor	14
LIVRO PRIMEIRO – A filha pródiga	17
LIVRO SEGUNDO – “A Honra de El-Rei”	34
LIVRO TERCEIRO – Amsterdã.....	58

Charles Richet e o Espiritismo

De quando em quando, discute-se a posição real do sábio fisiologista e metapsiquista francês diante da hipótese espírita. É que os autores, muitas vezes, ficam no *Tratado de Metapsíquica*, publicado pela primeira vez em 1912, citando trechos, esquecendo outros. Por outro lado, o prof. Richet oscilou durante muito tempo pelo caminho da investigação em busca de uma hipótese que pudesse explicar os fenômenos desconcertantes que estudava. Assim, em sua vida partiu dos fatos, porque, como dizia, a hipótese do futuro não a podia ele formular, por desconhecê-la (vide – Sérgio Valle – *Silva Mello e seus Mistérios*, LAKE, pág. 396), procurando ajustá-los a uma teoria, inicialmente a do conhecimento do real e depois a das vibrações do éter, chamadas a dar explicação de um conjunto de fenômenos que realmente não se adaptam às mesmas. Assim, em sua conferência de 1925, ao despedir-se da Faculdade de Medicina de Paris, ainda se mostrava infenso à doutrina espírita, “provisoriamente, pelo menos” (Carlos Imbassahy, *Ciência Metapsíquica*, pág. 42). Quando preparou *A Grande Esperança*, escreveu a Bozzano, que aceitara de muito a teoria espírita, para confessar que

“O título de meu livro – *A Grande Esperança* – indica assaz nitidamente que pouco a pouco eu me aproximo de vossas idéias...” (in Sérgio Valle, op. cit, pág. 398).

O preconceito científico, a necessidade da teorização complicada, que, quanto mais difícil de ser entendida mais a torna aceitável, fez com que ele completasse o trecho acima, afirmando:

“ Todavia eu não creio no espiritismo segundo as fórmulas infantis de Allan Kardec ou de Conan Doyle...”

Mas como escreve Sérgio Valle:

“Tais *fórmulas infantis*, resultantes da aceitação da sobrevivência, não devem ser debitadas aos seus codificadores. Se há infantilidade nelas, a culpa é do espírito humano, que não ascende, automaticamente, à sabedoria e à moralidade, ao perder o corpo físico. O contrário, aliás, é que seria o absurdo.”

As fórmulas infantis eram tais porque simples. Essa simplicidade da teoria espírita perturbava o professor Richet. Tanto que, ao criticar a teoria aceita por Allan Kardec, teve que desvirtuar o pensamento do mestre lionês para encontrar um lado fraco:

“Toda a construção do sistema filosófico de Allan Kardec (que é aquela mesma do espiritismo) tem por base esta brilhante hipótese de que os médiuns, nos quais se diz que os espíritos estão incorporados, não se enganam nunca, e que as escritas automáticas nos revelam verdades que é necessário aceitar, a não ser que se esteja influenciado por maus espíritos.” (*Tratado de Metapsíquica*, tomo I, LAKE).

É preciso não ter lido a obra kardecista, ou estar imbuído do desejo de encontrar um erro para assinalá-lo, e com isto rejeitar a teoria espírita. A segunda hipótese parece a verdadeira. A leitura da Introdução de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns* demonstra o cuidado que teve Allan Kardec em chamar a atenção para tais problemas. Na *Revista Espírita* de maio de 1865, Allan Kardec reproduziu uma mensagem do Espírito de Georges sobre a mediunidade, em que se encontrava, com todas as letras, a advertência para os automatismos da escrita:

“Jamais se devem atribuir aos Espíritos, e refiro-me aos Espíritos elevados, esses ditados sem fundo nem forma que aliam à sua nulidade o ridículo de serem assinados por nomes ilustres. A medianimidade séria só investe cérebros providos de uma instrução suficiente ou, pelo menos, provados pelas lutas passionais. Os melhores médiuns são os únicos a receber o afluxo espiritual; os outros sofrem apenas o impulso fluídico material, que lhes arrasta as mãos, sem

fazer produzir a sua inteligência outra coisa senão o que esta contém em estado latente.

Tento aqui estabelecer a diferença que existe entre os médiuns inspirados pelos fluidos espirituais e os que agem apenas sob o impulso do fluido corporal, isto é, os que vibram intelectualmente e aqueles cuja ressonância física só conduz à produção confusa e inconsciente de suas próprias idéias, ou de idéias vulgares e sem elevação.” (*Revista Espírita*, 1865, trad. de Júlio Abreu Filho – Edicel, 1966, pág. 149 e seg.).

E, comentando a referida comunicação, Allan Kardec acrescentou de modo claro:

“Posto que o estudo desta parte integrante do Espiritismo esteja longe de ser completo, já estamos longe do tempo em que se acreditava que bastasse receber um impulso mecânico para se dizer médium, e crer-se apto para receber comunicações de todos os Espíritos.” (idem, pág. 150).

Como adverte Antônio J. Freire, a teoria do automatismo psicológico de Janet data de 1889, portanto, muito posterior às observações de Allan Kardec e dos próprios Espíritos sobre o automatismo e o subconsciente. Nos primórdios do Espiritismo, Jackson Davis (1855), Metzger etc., salientaram com anterioridade também as causas determinantes da escrita automática, sendo que o médium norte-americano Hudson Tuttle, nos meados do século passado, insistia sobre a origem humana de muitas mensagens (Antônio J. Freire, *Ciência e Espiritismo*, FEB, págs. 153 a 155).

Depois de mostrar a sem razão da crítica, verifiquemos como Charles Richet via o trabalho de Allan Kardec:

“É necessário admirar sem reserva a energia intelectual de Allan Kardec. Não obstante a sua credulidade exagerada, tem fé na experimentação. É sempre na experimentação que se apóia, de maneira que a sua obra não é apenas uma teoria grandiosa e homogênea, mas também um imponente repositório de fatos.” (op. cit, pág. 54).

Por aí vemos que, desprezada aquela expressão *credulidade exagerada*, que se ligava à crítica que acabamos de refutar, poder-se-á entender que as *teorias infantis*, a que ele aludia, eram mais uma referência à simplicidade. Jesus já havia assinalado que é dos simples o Reino dos Céus. E tanto assim era, que Richet também não deixou de reconhecer o trabalho de desbravador e pioneiro do mestre lionês:

“Da mesma maneira, é Allan Kardec certamente o homem que, no período de 1847 a 1871, exerceu a mais intensa das influências, abrindo um rasgo profundo na ciência metapsíquica.” (op. cit, pág. 54).

A delimitação é, porém, errônea quanto aos anos, se tivermos em conta que, hoje, no Brasil, a teoria codificada por Allan Kardec encontra a mais ampla e alentadora aceitação, de modo que fez André Moreil abrir suas vistas para o coração imenso do mundo, conclamando os espíritas de toda parte a seguirem o exemplo do país sul-americano (*Vida e Obra de Allan Kardec*, trad. de Miguel Mallet, Edicel, pág. 241). O reconhecimento de Richet prendeu-se ao fato de que os fenômenos rotulados de metapsíquicos eram aqueles que, com anterioridade, estavam sendo estudados pela Ciência Espírita.

Mas a luta do professor Richet consigo mesmo nunca parou. Por isso, ao receber o livro *A Vida no Outro Mundo*, que o nosso Cairbar Schutel lhe enviara, agradeceu com palavras que são uma demonstração de sua inclinação depois de tantos estudos:

“Obrigado, caro senhor, de vosso livro. Como vós tendes razão de estudar o mistério da morte e da Metapsíquica. A morte é a porta da vida.” (Salvador Gentile, *Documentos Espíritas in Anuário Espírita*, 1965, IDE, pág. 172).

Mais tarde foi ao grande amigo Bozzano que fez sua confissão através de carta, na qual registrou em sua parte superior – *Confidencial*. Oferecendo o seu livro *Au Secours*, o professor Richet colocou a seguinte dedicatória:

“A meu sábio e valente amigo E. Bozzano, com toda crescente simpatia.”

A palavra crescente viera grifada e, por isso, Bozzano escreveu ao amigo sobre o assunto, pois achava existir mais importância teórica do que apreciação pessoal, expressando-lhe, *com certa timidez, a esperança que tal palavra despertará seu coração*. Em resposta, recebeu a carta com o *Confidencial*.

“Meu caro e eminente colega e amigo:

Sou inteiramente do seu parecer: não creio, com efeito, na explicação simplista segundo a qual os acontecimentos de nossa existência e a direção da nossa vida são provocados exclusivamente pelo acaso, embora não seja possível apresentar prova nesse sentido. O fado existe, o que equivale a dizer: uma força que nos guia e conduz aonde bem lhe pareça, por vias indiretas, tortuosas e muitas vezes bizarras. E, também, fora da direção da vida, há coincidências tão estonteantes que é bem difícil não se veja a obra de uma intencionalidade. (De quem?... De que?...)

E, agora, abro-me a você de modo absolutamente confidencial. O que você supunha é verdade. Aquilo que não alcançaram Myers, Hodgson, Hyslop e Sir Oliver Lodge, obteve-o você por meio de suas magistrais monografias, que sempre li com religiosa atenção. Elas contrastam, estranhamente, com as teorias obscuras que atravancam a nossa ciência.

Creia, peço-lhe, nos meus integrais sentimentos de simpatia e gratidão.” (*in* Sérgio Valle, *op. cit.*, pág. 399 e seg. – O jornal londrino *Psychic News*, de 30 de maio de 1936, publicou as circunstâncias do fato).

O professor Richet devia temer profundamente o escárnio dos seus colegas materialistas, e assim, na confissão final, preferiu um amigo e recomendou – *Confidencial*. Anteriormente, já em 1927, o seu receio começara a desaparecer, tanto que já conseguira responder à revista francesa *Comédia*:

“Respondo-vos com absoluta franqueza. Às vezes creio. Às vezes (mais comumente), não creio. Como pode um fisiologista supor que haja sobrevivência da consciência sem o cérebro? Igualmente, como negar os fatos chamados

espíritas e a hipótese explicativa mais simples do que qualquer outra?” (in Sérgio Valle, op. cit, pág. 398).

Nesse mesmo ano, apareceu em Portugal um romance de sua autoria de pequena tiragem – *À Porta do Mistério*, nesta edição brasileira intitulado *No Limiar do Mistério*, baseado na Doutrina Espírita, inclusive na lei das vidas sucessivas. No entanto, somente em 1934 saiu à luz a edição francesa do mesmo livro (*Au Seuil du Mystère*). O seu último livro, que provocou a confissão (*Au Secours*), foi publicado em 1936. Afinal, ainda que de modo confidencial escancarara a porta do mistério, que lutara tanto tempo para franquear.

Interessante, porém, parece-nos concluir estas linhas com uma notícia mais detalhada sobre o referido romance, pois dar-nos-á uma melhor compreensão do pensamento do professor Richet, ainda que, no passo, tenha preferido a forma romanceada, que não feriria tanto os espíritos encastelados no academicismo pedantesco. Assim se refere Antônio J. Freire no livro *Da Evolução do Espiritismo* (Federação Espírita Portuguesa, 1952, págs. 38 a 40) sobre o assunto:

“Parece-nos digno de registro um fato invulgar, passado aqui em Portugal, relativo ao insigne professor Charles Richet, que, sob o pseudônimo de Charles Epeyre, foi considerado, por unanimidade da crítica francesa, um primoroso poeta, romancista e escritor teatral.

Trata-se do romance – *À Porta do Mistério* – que teve a prioridade de ser traduzido em português anteriormente à sua publicação em francês, por volta de 1927. Fato pouco conhecido em Portugal.

A tradutora foi a consagrada e ilustre escritora Senhora D. Virgínia de Castro e Almeida, que, certamente, só pelo seu prestígio e boas relações com o professor Charles Richet poderia ter conseguido tão invulgar e honroso privilégio.

O romance é baseado nos princípios que regem o Espiritismo, particularmente no reencarnacionismo, nas vidas sucessivas, coluna básica em que assenta e se desenrola o dinamismo ascendente da evolução em todos os

seus complexos aspectos físicos, morais e espirituais, desde o mineral ao homem, para depois surgir a super-humanidade, pois a evolução não tem limites. Deus é inatingível. Transcrevemos a apreciação do jornal de Lisboa – *Diário de Notícias: À Porta do Mistério*; ditado pela Livraria J. Rodrigues, de Lisboa, é um romance baseado nas teorias do Espiritismo, que tanto desenvolvimento tem tomado nos últimos tempos, duma ação empolgante e de rara originalidade e audácia, que prende a atenção do leitor desde a primeira linha, não lhe permitindo que interrompa essa leitura. Tem lances da mais alta vibração dramática, descritos num estilo sóbrio e preciso, mas da maior elegância e fluidez, terminando com uma cena trágica passada na grande guerra.

O notável fisiologista, professor Charles Richet, afirma neste trabalho, mais uma vez, que seus estudos científicos não lhe estancaram a veia da inspiração e da imaginação.

Num breve prólogo, o professor Charles Richet refere-se às teorias espíritas em que seu romance foi inspirado. A Sra. D. Virgínia de Castro e Almeida escreve também um prefácio em que traça com emoção o perfil do autor do romance.”¹

Infelizmente, as nossas academias parecem desconhecer, não só a evolução do pensamento, mas até o trabalho do magistral professor sobre os fenômenos espíritas, ainda que Moniz Sodré, em sua clássica obra *As Três Escolas Penais*, tenha feito um resumo dos mesmos, segundo classifica o adotada no *Tratado de Metapsíquica*.

Elzio Ferreira de Souza

Prefácio da tradutora

Uma noite, no inverno passado, em Paris, depois de um banquete de confraternização intelectual no “Cercle de la Renaissance”, Paulo Longevin apresentou-me o grande Richet.

Não foi sem comoção que falei pela primeira vez com esse homem extraordinário.

Lera eu, havia pouco, o seu célebre e recente *Tratado de Metapsíquica*, que tanto alvoroço causou no cenáculo da Sorbonne, e abriu a era dos vários estudos experimentais a uma ciência, velha como o mundo, porém esquecida e desprezada durante os últimos séculos da nossa civilização.

Conversamos longamente sobre esse livro considerável, que resume vinte e tantos anos de observações e experiências conscienciosas e estabelece como verdades científicas demonstradas os fenômenos de criptestesia e de ectoplasmia.

Estou ainda a ver defronte de mim a figura muito alta, magra e direita de Charles Richet, com a roseta rubra na lapela da casaca, distinto e impecável, na sua requintada cortesia. Logo nesse primeiro encontro me impressionou a radiação intensa de bondade inteligente, de lucidez aguda e de terna afetividade que dele emana.

Fortaleceu-se rapidamente a nossa recíproca simpatia, toda baseada em bondade e indulgência da sua parte, e em respeitosa devoção minha.

No decorrer de várias visitas com que me honrou, acudiu-lhe a idéia de me pedir que traduzisse para o português um seu romance inédito.

É esse romance que tenho hoje a alegria de apresentar ao público português e brasileiro, cuja confiança e simpatia, não sei por que mérito, tantas vezes me têm sido provadas.

Nascido em Paris em 1850, hoje membro do Instituto de França e da Academia de Medicina, galardoado com o prêmio Nobel em 1913, entrava aos 28 anos como professor adjunto da Faculdade de Medicina e, aos 37, era nomeado lente catedrático de Fisiologia da mesma Faculdade.

Desde 1875 não cessou de publicar obras notáveis: *Poisons de l'Intelligence*; *Recherches experimentales et chimiques sur la sensibilité*; *Structure de circunvolutions cérébrales*; *Du suc gastric chez les hommes et les animaux*; *Physiologie des muscles et des nerfs*; *L'homme et l'intelligence*; *Essai de psychologie générale*; *La physiologie et la médecine*; *Chaleue animal, Dictionnaire de physiologie* em três volumes, relatando os seus trabalhos de fisiologia no laboratório.

Sua obra formidável de laboratório, todo o mundo científico a concede e admira; há nela, porém, algumas descobertas que sobressaem e marcaram época na história da Ciência: *a função termo-reguladora do organismo animal, a seroterapia, a zomoterapia, a anafilaxia, a demonstração experimental da fixação nas espécies, dos caracteres biológicos adquiridos pelos indivíduos.*

Todas estas obras, frutos de uma vida inteira de dedicação, de abnegação, de labor intenso, honesto e utilíssimo, consagraram Charles Richet um dos maiores sábios de seu tempo. Um seu colega, físico ilustre, professor do College de France, mas adversário irreduzível das suas teorias metapsíquicas, disse-me: “Charles Richet é o cérebro mais poderoso do mundo científico atual da França”.

As obras tão numerosas e importantes que mencionei não bastaram para absorver a sua prodigiosa capacidade de trabalho, nem para esgotar a fonte da sua inteligência e cultura tão vastas.

Desde 1880 que Charles Richet tomou sobre o si o pesado encargo de dirigir a *Revue Scientifique*.

E, não contente com a produção de suas obras científicas, com a direção da *Revista*, com as suas notáveis lições de fisiologia e trabalho de laboratório, ainda encontrou tempo e capacidade para escrever um grosso volume: *Abrégé d'histoire*

générale e, sob o pseudônimo de Charles Epheyre, uma série de poesias excelentes, de romances sociais e morais e algumas peças de teatro.

Nunca encontrei ser mais completo e admirável. Tantos anos de lutas, de trabalhos gigantescos, de desgostos profundos, longe de fatigarem aquele cérebro privilegiado, parecem tê-lo fortalecido.

Dos frutos amargos da vida: canseira, descrença, desânimo, tristeza, não há vestígio ali.

A fé robusta na bondade dos homens e das coisas conserva-se intacta. A piedade pelas dores alheias e a indulgência pelos erros e fraquezas humanas são infinitas. A compreensão por tudo que é generoso e nobre vibra na sua alma com a intensidade dos entusiasmos juvenis.

Desde o aparecimento deste *Tratado*, que o seu autor teve de suportar os efeitos da incompreensão e da teimosia dos homens, como sucede sempre àqueles que se atrevem a afirmar verdades ainda desconhecidas dos outros.

Não respondeu; sem entrar em polêmicas, sem se alterar, deixa, sorrindo bondosamente, passar as tempestades inúteis. Sabe que disse a verdade; sabe que a árvore plantada frutificará, apesar de tudo, a seu devido tempo.

Principia, porém, o seu livro *No Limiar do Mistério* por um curto prefácio corajoso e sereno, de forma perfeita, de idéias elevadíssimas. A resposta a todos os seus adversários está ali.

Traduzi esse prefácio, mas reproduzo-o também em francês por compreender quanto é pesada a minha responsabilidade de tradutora perante essas páginas, e quanto importa que o pensamento do Mestre seja apresentado tal qual ele formulou.

Quanto ao romance, devo confessar que, várias vezes, parei durante o trabalho, perplexa e assaltada por escrúpulos, diante da obra empreendida.

Perguntava a mim mesma, com inquietação, se poderia traduzir o texto francês sem lhe alterar a deliciosa simplicidade do estilo e a pura beleza das idéias.

Habitado a compor suas lições luminosas e sóbrias, habituado ao estilo claro e conciso dos seus livros de ciência, habituado à observação exata e exigida nas experiências de laboratório, Charles Richet junta a essas qualidades, preciosas num escritor, a delicada sensibilidade de uma alma, que a rigidez da ciência não embotou, e se mantém jovem, generosa e acessível a todas as emoções nobres.

Conservei eu na tradução estas qualidades raras que tanto enaltecem a obra original?

Se os leitores tiverem, ao percorrer estas páginas, a impressão encantadora e profunda que eu tive ao ler o manuscrito francês, estará cumprida a minha difícil e grata missão.

Paris, novembro de 1925.

Virgínia de Castro e Almeida

Prefácio do autor

Este livro ainda não foi publicado, nem em francês, nem em qualquer outra língua. A Sra. D. Virgínia de Castro e Almeida, com seu grande talento de escritora, traduziu o texto em português, exprimindo perfeitamente tudo o que eu disse e quis dizer em francês. Este livro é apenas uma ficção, não é uma história verdadeira. Escrevendo-o, compus uma obra de fantasia. E não quero que, um instante sequer, o leitor possa imaginar que se trata aqui de uma história autêntica.

Mas, apesar disso... Apesar disso...

Os estranhos fenômenos encontrados nesta narrativa estão em rigorosa conformidade com certos fenômenos verdadeiros. Vivemos em uma época em que o oculto se tornou científico, o sobrenatural natural, e em que os mistérios do além são revelados nos laboratórios.

E afinal, por que não?

Será que nós podemos ter a pretensão de reduzir a ciência, isto é, o conhecimento do mundo às noções ínfimas e informes que, laboriosa e penosamente conquistamos e consignamos nos nossos livros?

Confessamo-lo com plena humildade: não sabemos nada.

A nossa existência, guiada certamente por forças desconhecidas, prossegue em trevas profundas.

Surpreendidos, ignorando tudo do Universo, possuímos apenas concepções vagas, quase infantis, sobre as coisas presentes. É triste, mas nem por isso deixa de ser verdade.

Tenhamos a coragem de dizê-lo e de ir um pouco mais longe de que os sábios. Valha-nos Deus! Os sábios, ou pelo menos aqueles que se julgam tais, não podem conjeturar que existe outra coisa além do que vêem e apalpam.

Suponhamos um humilde formigueiro. As formigas que o povoam não podem crer que exista um Universo poderoso e longínquo, além da pequena elevação de terra que as abriga. Conhecem alguns gravetos de lenha, alguns pedacinhos de musgos, deram a volta aos calhaus que se espalham na proximidade da sua modesta habitação; têm certas noções sobre os ribeirinhos que passam perto, sobre algumas aranhas e insetos que encontram na sua vizinhança. E é tudo. Que idéias formam os pobres bichinhos dos oceanos, navios couraçados, dos teatros, dos museus, das bibliotecas, dos observatórios? Será que elas têm alguma noção dos mundos planetários e do sol? Poderiam elas compreender que o mundo solar inteiro é, no Grande Cosmos, enormemente menor do que o seu formigueiro na superfície do globo terrestre?

Não somos mais sábios do que as formigas. E temos, portanto, o direito de supor a existência de mundos que ultrapassam a nossa mísera pequenez.

No Limiar do Mistério é, seguramente, uma ficção; mas toda esta ficção se encontra cravejada de verdades desconhecidas.

Não é ainda ciência, porque a reencarnação não foi ainda demonstrada. Talvez nunca se demonstre. É possível; e, por vezes, torna-se provável. Aqui e além surgem, de súbito, clarões que nos abrem horizontes ignorados e nos permitem imaginar coisas grandiosas que transformariam as nossas mentalidades de hoje.

A ciência ainda está muito nova. O que é um século? O que são dez séculos? Ou mesmo, o que são cem séculos na história humana?

Tanto convém sermos severos quando se trata da ciência quanto pode a imaginação ser temerária. Apesar da ousadia deste livro, estou convencido de que os bisnetos dos nossos bisnetos – e isso não fica muito longe – me acharão prudente demais. A minha audácia de hoje será uma quase imperdoável timidez.

Sejamos sobretudo confiantes na ciência que, dia após dia, coloca novas questões e que, sem dúvida, chegará a resolvê-las parcialmente, de modo que outras possam apresentar-se, mais

magníficas ainda, e das quais não nos é dado, por enquanto, suspeitar sequer a sua profundidade e extensão.

Charles Richet

LIVRO PRIMEIRO

A filha pródiga

Há muitos anos, na pequena vila de Anduze, nas Cevennas, existia, perto do largo principal, uma casinha modesta com seu quintal rodeado por um gradeamento de madeira.

Nada chamava sobre ela a atenção do transeunte; porém, se este entrasse, ficaria surpreendido de encontrar algumas gravuras interessantes do século XVII e até do século XVI, penduradas pelas paredes na desordem aparente que os artistas costumam rodear-se.

A mobília era simples e fria, como convém ao gosto dos protestantes honestos, pobres e sinceros daquela áspera região.

Nesse dia, Marcelo Lemaitre voltava para casa um pouco mais tarde que de costume. O seu andar era rápido e alegre.

– Aqui estou, mãe. – disse ele ao entrar. – Nada de novo por cá?

Madame Lemaitre, erguendo para o filho o olhar que fixara na lareira, respondeu tristemente mas com ternura:

– Não, meu filho... mas parece-me que tu...

– Sim, eu lhe trago uma grande notícia.

– Genoveva, não é verdade?

– Adivinhou, mãe. Falei ao nosso pastor, ao pai de Genoveva. Sabe que amo sua filha há muito tempo, que ela me ama também, e... consente no nosso casamento.

– Como tudo isso é simples! E o que desejas de mim, agora?

– A sua bênção, minha mãe.

Madame Lemaitre apertou nas suas mãos as do filho e beijou-o na testa. Mas os olhos encheram-se de lágrimas.

Marcelo se ajoelhou. Levantou-se devagar, sem largar as mãos da mãe.

– Então, minha querida mãe, ânimo! Genoveva agora virá substituir essa filha que perdeu...

– Não falemos dela – disse asperamente Madame Lemaitre.

Marcelo não respondeu, porque em certas ocasiões as palavras são importunas. Como a noite descia, acendeu a pequena lâmpada elétrica e à sua luz, atentamente, servindo-se de uma lente, examinou a estampa que se encontrava sobre a mesa.

Era uma dessas águas-fortes onde a fantasia de Rembrandt se expandira livremente: *a parábola do Filho Pródigo*. O pai, com vestuário suntuoso, enroupado numa riquíssima túnica oriental, e de turbante, curvava-se e tentava erguer um rapaz esfarrapado que se lhe prostrara aos pés. Espalhava-se sobre esta cena uma claridade enigmática. No teto resplandecia um globo luminoso de onde partiam raios de luz nos quais formas de anjos fluuavam, indecisas.

Marcelo pegou no buril e, inclinando-se sobre a placa de cobre, absorveu-se no trabalho. Pensava em Genoveva, porém diligenciava ansiosamente reproduzir, nos seus mínimos traços, o formidável pensamento do Mestre.

De súbito, a fiel Brígida, criada dos Lemaitre, entrou no ateliê. Estava pálida e tremiam-lhe os lábios.

– Minha senhora... – murmurou ela com voz quase indistinta – minha senhora...

– Que temos? – perguntou tranqüilamente Madame Lemaitre.

– Minha senhora... está ali... está ali...

– Quem está ali? Fala, mulher!

– Minha senhora... é... é a...

Marcelo e Madame Lemaitre levantaram-se. Tinham adivinhado. Olhou-se como se nessa troca de olhares quisesse confirmar o seu receio.

Brígida curvava a cabeça como culpada e torcia febrilmente entre os dedos a ponta do avental.

– É Luísa, não é verdade? – perguntou Madame Lemaitre. – Está bem. Não quero que ela entre aqui, na casa de gente honesta. Não quero vê-la. Brígida, diz-lhe que se vá embora e tranca a porta apenas ela saia.

– Oh! minha senhora!... – implorou Brígida juntando as mãos.

– Mãe, suplico-lhe... – disse Marcelo.

– Nunca.

– Deixe-me pelo menos falar-lhe, dar-lhe alguma esperança...

– Nunca. Está para sempre tudo acabado entre ela e nós. Tu, Brígida, trata do jantar. Daqui a dez minutos meu filho e eu vamos para a mesa.

Marcelo saíra do ateliê. Encontrou Luísa de pé, cambaleante, encostando-se ao umbral da porta para não cair. Nesse instante, sem dúvida obcecado por Rembrandt, julgou ele ver uma pálida claridade flutuando no teto e, nessa claridade, como na gravura, um exame vago de formas brancas, enevoadas, quase indistintas. Mas foi tão rápida a visão, que não chegou a prender-lhe o pensamento.

– Perdão, Marcelo! Perdão... – balbuciou Luísa, deixando-se cair de joelhos.

Marcelo hesitava, comovido até ao fundo da alma.

– Minha pobre Luísa! Minha pobre Luísa! – murmurou ele.

Deixava que a irmã arrependida lhe cobrisse as mãos de beijos, e não encontrava palavras que pudesse dizer-lhe. Nas grandes aflições, de que serve a eloquência?

– Levanta-te, Luísa – disse ele de repente –, e vem comigo. Não é o meu perdão que deves implorar, mas sim o da nossa mãe.

A história de Luísa era dolorosa.

Ainda criança, vendo constantemente à sua volta, em Anduze, na casa de seu pai, gravador e colecionador, esboços, estampas, águas-fortes, divertia-se, brincando a reproduzi-las; e chegava a fazê-lo, sem esforço, com exatidão e precisão quase milagrosas.

“A alma do grande Rembrandt está em ti, minha filha”, dizia seu pai quase a sério.

Caprichosa, indisciplinada, sujeita a súbitos desânimos e a bruscas alegrias, Luísa tornara-se ao mesmo tempo o orgulho e o susto constante de seus pais.

Adorava Marcelo, um pouco mais velho que ela; porém, apenas o irmão recebia um elogio ou carícia, acometiam-na acessos de ciúme furioso, logo seguidos por apaixonados arrependimentos.

O gravador, compreendendo que era preciso dar mestres experimentados àquela criança quase genial, resolveu levá-la a Paris e colocá-la sob a direção de um amigo seu que tinha lá um ateliê afamado. Mas no momento que iam empreender esta viagem, a morte levou deste mundo o pai de Luísa.

Madame Lemaitre não quis alterar o propósito de seu marido, que respeitava e adorava como um deus; de modo que partiu de Anduze com intenção de passar dois anos em Paris a fim de dar a seus filhos a educação artística que o pai lhes destinara.

Foi no ateliê do pintor Faverol, amigo de Lemaitre, que Luísa fez conhecimento com Ricardo Richardson. Filho de mãe francesa, Ricardo era no entanto americano. Seu pai possuía na Pensilvânia uma fábrica muito próspera; porém, os interesses materiais não atraíam Ricardo. Apesar das exortações de seu pai e de toda família, partira para Paris a fim de seguir uma carreira artística, dizia ele, mas na realidade sem saber ao certo o que ia lá procurar. Tinha paixão pelas coisas da arte e persuadia-se que uma irresistível vocação o guiava.

Apenas se encontrou com Luísa no atelier de Faverol ficou logo seduzido, preso, conquistado pelo extraordinário encanto dessa criatura de elite. Como era belo, desembaraçado e eloqüente, Luísa escutou-o. E em breve, entre aqueles dois seres que, juntos, não somavam quarenta anos de existência, desencadeou-se uma grande e dominadora paixão.

Um dia Luísa confiou à mãe este segredo. Mas Madame Lemaitre entendeu que sua filha era ainda muito nova. Ficar noiva aos dezesseis anos podia ser; mas casar, não. Convinha esperar.

“Vamos ver daqui a um ano...”

De resto, o pai de Ricardo recusava o consentimento e Madame Lemaitre não admitia que sua filha entrasse numa família onde a recebessem com relutância.

Há por vezes, inexplicáveis, injustificáveis loucuras.

Uma tarde, Luísa não chegou a casa à hora do costume. Madame Lemaitre começava inquietar-se quando recebeu a seguinte carta:

“Minha querida mãe

Peço-lhe perdão pelo desgosto que vou causar-lhe; mas a minha ausência não será longa. Daqui a três meses estarei de volta a Anduze, e casada com o homem que adoro.

Ricardo leva-me para a América. Não nos sendo possível casar na Franga, vamos nos casar lá; não temos coragem de nos separar. Se soubesse, minha querida mãe, a pena que me causa esta ausência necessária! Mas sou arrastada por uma fora superior à minha...

E, depois, não é vergonha nos amarmos.

Ricardo terá por você a ternura de um filho.

Mas uma vez lhe peço que me perdoe. Diga ao nosso querido Marcelo que lhe mando muitas saudades! E preciso que ele também me perdoe e perdoe a Ricardo.

Luísa Richardson”

Não há palavra para descrever a dor e a indignação que rasgaram a alma da infeliz mãe.

Nessa noite partiu com Marcelo para Anduze, sem procurar sequer opor-se pelos meios legais, como poderia, à viagem de sua filha menor.

– Minha filha morreu. – disse ela a Marcelo. – Nunca mais pronunciaremos o nome dessa infame. Agora só tu me resta no mundo e quero viver só para ti.

E efetivamente, daí por diante, na desolada casa de Anduze, nunca mais se falou de Luísa.

De tempos a tempo chegavam cartas da América, escritas ora por Luísa, ora por Ricardo; porém Madame Lemaitre rasgava-as

sem ler e Marcelo, obedecendo à ordem implacável de sua mãe, procedia do mesmo modo.

Assim decorreram seis longos meses. A dor não diminuía, mas a cólera atenuara-se. E, ao cair de uma tarde de outono, a filha pródiga regressara à casa paterna.

As mães possuem tesouros de indulgência.

Se Luísa tivesse voltado feliz, bem vestida, triunfante, pelo braço de seu sedutor, talvez Madame Lemaitre se conservasse inexorável. Mas sua filha, aquela criança tão querida, outrora tão mimada, voltava sozinha, abandonada, pálida, com o desespero na alma e semelhante a lamentável destroço batido por todas as vagas do Atlântico. À ternura da mãe juntava-se, agora, uma piedade profunda.

E Marcelo intercedeu com força e insistência, mostrando que a soberana justiça é feita de clemência, que o arrependimento apaga o erro, e que aquele Deus de misericórdia que Madame Lemaitre adorava com fé profunda, perdoara a pecadora tanto mais culpada!

Enfim Luísa retomou o seu antigo lugar na casa paterna.

Mas Madame Lemaitre impôs uma condição formal ao seu perdão: que nunca se falasse do passado e que o nome de Ricardo (esse miserável!) jamais fosse pronunciado. O mais profundo silêncio abafou os fatos dolorosos que tinham determinado o regresso de Luísa. Nem uma alusão, nem uma pergunta, nem uma confidência entre Luísa e sua mãe.

Esse regresso inesperado causou espanto entre a gente de Anduze. De onde voltava Luísa? Qual foi a causa de tão longa ausência? As senhoras vizinhas interrogaram Brígida. Mas Brígida tornara-se silenciosa como uma múmia. Quando insistiam, explicava que a menina Luísa se ausentara por motivos de negócios. E as bisbilhoteiras da terra, abanando a cabeça, não tinham mais remédio senão contentar-se com estas razões.

Luísa retomou posse de seu antigo quarto. Encontrou na parede, perto da lareira, as águas-fortes de Dührer, de Rubens e sobretudo de Rembrandt, que antigamente tanto a encantavam. E

durante horas e horas, pensativa, escutava as vozes das suas recordações.

Às vezes, apesar do clima rigoroso, dirigia-se para as montanhas nuas que rodeiam Anduze. Regozijava-se na contemplação das formas estranhas dos rochedos que dominam as estradas. Invadira-a uma grande lassidão e seus lindos olhos pareciam esconder-se por detrás de um véu.

O único sorriso que alegrava a casa era o de Genoveva, a filha do Pastor, noiva de Marcelo. Esforçava-se por dedicar a Luísa uma grande afeição; compreendia, porém, que aquela vida encerrava um mistério grave que não se devia aprofundar. De resto, muito sensível, toda ela coração, percebia que não convinha perturbar com perguntas indiscretas o curso, agora límpido e calmo, daquela existência.

Um segredo que se interpõe entre duas almas é semelhante a certas geleiras alargando-se como abismos entre duas elevações que separam.

Na noite de Ano Bom, deu-se um acontecimento singular.

Madame Lemaitre e seus filhos tinham ido jantar na casa do Pastor a fim de celebrarem o noivado de Genoveva e Marcelo, que, muito enamorados, nem sequer pensavam em esconder a sua felicidade e o seu amor. Conservavam-se um pouco afastados, absortos em encantadoras confidências e alegres esperanças.

Só depois da meia-noite as duas famílias se separaram.

A noite estava gelada. Mas no céu puro e claro daquela região montanhosa, as estrelas brilhavam com tal esplendor, que do alto da principal rua de Anduze viam-se longe e distinguiam-se perfeitamente o gradeamento de madeira e o telhado pontiagudo da modesta casa dos Lemaitre.

Marcelo, Luísa e sua mãe caminhavam ao lado uns dos outros, quando, subitamente, ao se aproximarem da grade, Luísa parou e apertou convulsivamente o braço do irmão.

– Olha – disse ela –, não vêes?... É meu pai... é ele... Pois não vêes? Está me chamando... Agora entrou em casa... Vamos depressa... É preciso falar-lhe, saber o que ele quer...

Marcelo e Madame Lemaitre trocaram um olhar assustado. Luísa estaria doida? Afastara-se deles e correria para casa. No momento em que entraram no vestíbulo, enquanto procuravam acender a lâmpada elétrica, todos três ouviram distintamente um suspiro profundo, plangente, doloroso, prolongado.

– És tu, Brígida? – perguntou Madame Lemaitre um pouco trêmula.

Não era Brígida.

No vestíbulo, agora bem iluminado, não viram viva alma.

– Que estranha ilusão! – disse Marcelo em voz alta, para quebrar o silêncio. – Se fôssemos supersticiosos...

– Mas não somos – interrompeu secamente Madame Lemaitre.

Reconhecera perfeitamente, naquele angustioso suspiro, a voz do marido; mas não queria confessá-lo a si própria e, muito menos dizê-lo a seus filhos.

Luísa insistiu.

– Era meu pai – disse ela com veemência –; reconheço perfeitamente. Defronte da porta acenou, chamando-me; e no vestíbulo, foi a sua voz que ouvi.

– Tudo isso mostra que é muito tarde e que estamos todos os três meio adormecidos e sonhando acordados – respondeu Madame Lemaitre.

E Marcelo declarou-se da mesma opinião.

Quando decidimos que não há mistério em coisa alguma, ainda que o mistério nos estrangule, achamos sempre maneira de o explicar de modo simples.

No dia seguinte, 1º de janeiro, apesar do frio intenso, Luísa fez uma incursão pelas neves da montanha. Voltou já tarde. E, durante a noite, subitamente sentiu-se muito aflita. Um fio de sangue correu-lhe da boca. O médico da localidade, chamado às pressas, o Doutor Cormon, amigo do falecido Pedro Lemaitre, recomendou repouso, cama, tisanas.

Esse tratamento bastante inofensivo pareceu dar excelente resultado; a hemorragia não se repetiu.

No entanto, Luísa não tornou a ter saúde. A sua fraqueza agora aumentava de dia para dia. Já não podia levantar-se senão durante algumas horas.

Emagrecia, perdia a cor; com seus grandes olhos sonhadores e seus lindos cabelos soltos pelos ombros, transformara-se numa deliciosa e diáfana visão. À sua cabeceira, a mãe espreitava com desespero os rápidos progressos da consunção invasora.

Coisa estranha: dia-a-dia, à medida que a vida de Luísa se apagava, a tristeza ia-lhe desaparecendo. Na sua serena resignação, tornara-se quase alegre.

“Pobre mãe! – dizia ela –, como a fiz sofrer! Como fui má para você e ingrata! Mas deixe estar que voltarei; e então hei de dar-lhe muita felicidade. É preciso não chorar. Que valor tem esta miserável existência terrena em que o corpo é devorado pela febre e sacudido pela tosse, enquanto a alma sofre a tortura das angústias, dos remorsos, dos desesperos? Ai! querida mãe, querido Marcelo, como eu hei de ainda torná-los felizes depois de tanto os ter afligido!”

Uma tarde o seu estado agravou-se consideravelmente. Já não podia levantar da almofada a cabeça pálida e adorável.

Já delirando, sorria ainda:

– Sim, Mestre, chamas-me... Aqui estou. Vejo-te agora em todo o teu esplendor. Deixar-me-ás voltar para junto de minha mãe, de Marcelo, de Genoveva... de Ricardo... meu Ricardo... meu adorado...

Fechou os olhos como que se entregando ao sonho que a encantava. O excelente Doutor Cormon, muito comovido, tomara-lhe o pulso, cujas palpitações, cada vez mais fracas, se precipitavam; e, de repente, disse:

– Está tudo acabado.

O pulso parara. O coração de Luísa cessara de bater.

Ondas de esquecimento e de indiferença passam, rápidas e profundas, sobre os nossos frágeis pensamentos humanos.

Marcelo e Genoveva, agora casados, não procuravam a explicação para os fatos extraordinários que tinham

acompanhado a morte de Luísa. Amavam-se, e o amor é o nivelador supremo; apaga tudo o que não seja ele próprio. A vida dos dois decorria laboriosa, doce, pacífica, sem incidentes.

Uma sombra, porém, escurecia a sua felicidade: dois anos já passados e nenhum filho ainda.

Talvez porque a saúde de Genoveva se tornara vacilante, sujeita a estranhas alterações. Acometiam-na, por vezes, inexplicáveis abatimentos. De súbito interrompia uma ocupação banal e quedava-se imóvel, de olhos fixos, imersa num sonho que parecia absorvê-la; mas tais sonhos eram hesitantes, indecisos, fugitivos, e não lhe deixavam recordações. Noutras ocasiões, sem motivo, saía bruscamente do ateliê onde o marido trabalhava e dirigia-se para o quarto de Luísa.

Madame Lemaitre quisera que ali nada fosse alterado depois da morte de sua filha. Cada móvel conservava o seu costumeiro lugar; a mesa onde Luísa desenhava suas pequenas obras-primas, o velho piano onde, em pequena, estudava e no qual, mais tarde, se acompanhava cantando, o relógio antigo que marcava ainda a hora em que ela exalara o último suspiro. As janelas mantinham-se fechadas e, na meia escuridão, Genoveva, entrando no quarto da morta, sentia confusamente como que a palpitação de uma presença.

Tentava pegar num livro e ler; mas em breve se lhe fechavam os olhos e adormecia, guardando, no entanto, a consciência de um vago e sedutor mistério ao qual se abandonava. E, à hora do jantar, Marcelo tinha que tocar a sineta com força para obrigá-la a descer.

Sucedeu que uma noite, depois de ter chamado sua mulher em vão, Marcelo subiu ao quarto de Luísa. Genoveva estava profundamente adormecida. No entanto, sentiu Marcelo aproximar-se e então acordou.

– Que é aquilo? – perguntou ela de repente.

E apontava sobre a mesa, uma folha de papel escrita. Ora, Genoveva estava certíssima de nada ter colocado sobre a mesa.

Pegaram na folha de papel e, na sala de jantar bem iluminada, examinaram-na.

– Mas... é a letra de Luísa! – disse Marcelo em voz mal segura.

Algumas linhas apenas, escritas a lápis:

“Estou sempre convosco. Velo por vós. Tenho-vos muito amor. Aqui, desejam que eu volte para obter o vosso perdão... Irei dentro de três meses. Dêem-lhe o nome de Luísa, porque serei eu própria.

Luísa”

Assim como seu filho, Madame Lemaitre reconheceu, sem dúvida possível, a letra de Luísa.

– Foste tu que escreveste isto enquanto dormias – disse ela a Genoveva.

– É possível – respondeu esta –; mas nunca tinha percebido que era sonâmbula.

Diligenciaram levar o caso em brincadeira; mas, apesar de tudo, um susto obscuro se lhes infiltrava na alma. Genoveva assegurava que não levava para o quarto nem papel nem lápis. Então?

As palavras escritas eram enigmáticas, talvez profundas, mas tão incompreensíveis que se tornava inútil procurar-lhe qualquer interpretação. Mas, por que aparecia ali a escrita de Luísa, tão exatamente reproduzida que não havia sobre esse ponto possibilidade de dúvida?

– O que ressalta desse incidente idiota – disse Marcelo frenético – é que não convém nos deixarmos invadir por sonhos mórbidos. Daqui por diante Genoveva não entrará mais no quarto de Luísa.

Porém, toda a nossa sabedoria humana é, sem esforço, desarmada pelas forças do Universo invisível. Tentamos em vão afastá-la do nosso caminho.

Dois dias depois, estando os três reunidos no ateliê e silenciosos como de costume, ouviram um relógio dar horas. Reconheceram todos o timbre do relógio que estava no quarto de Luísa.

Não disseram uma palavra, mas estremeceram, espantados.

As dez badaladas soaram, regulares, inexoráveis, fatídicas.

– Foi provavelmente Brígida quem deu corda ao relógio – observou então Madame Lemaitre.

Agora se dizia sempre: *o quarto*, sem se pronunciar o nome de Luísa.

Porém, Madame Lemaitre sabia muito bem que não fora Brígida. Nunca Brígida se tornaria culpada de semelhante profanação.

Estavam cheios de angústia. E foi quase um alívio quando, ao entrarem no quarto de Luísa, o encontraram vazio. No entanto, o relógio continuava a andar, e o ritmo pesado e regular do pêndulo retalhava o silêncio.

– Aqui está outra vez uma folha de papel escrita – disse Genoveva.

Era outra mensagem de Luísa, um pouco mais longa do que a primeira:

“Por que se assustam? Fazem mal. Ele vos protege. Daqui a três meses estarei mais perto de vós. Deus abençoe a jovem mãe que vai dar-me assim a vida, facultando-me assim o caminho do perdão... Muito obrigada, Genoveva.

Perdoe-me, querida mãe! Daqui a um ano verá de novo a sua pequena Luísa e amá-la-á tanto como da primeira vez...”

No dia seguinte, durante o jantar; que decorria ainda mais silencioso que de costume, Marcelo teve, quase sem causa e pela primeira vez na sua vida, um ataque de cólera. Um inofensivo e medíocre artigo de jornal falava das teorias espíritas, destinadas, dizia em estilo infantil o jornalista ingênuo, a revolucionar o mundo.

– É com estes infames disparates que se desnorteia a inteligência das mulheres e das crianças! As crendices de nossa época são mais estúpidas do que as superstições da Idade Média e até do que os fetichismos dos pretos. Pretendem nos fazer recuar para os tempos pré-históricos e mais para trás ainda! O deus Anúbis e o boi Ápis são idéias menos tolas do que a

teosofia moderna. Não quero que se torne a falar aqui em tais inépcias, pois são apenas baseadas em mentiras. E essas mentiras levam até à loucura, o que é ainda mais grave!

A irritação de Marcelo era tal, que nem sua mãe nem Geneveva se atreveram a responder.

E no entanto... Como explicar aquela folha de papel? Como explicar a letra de Luísa? Como explicar o movimento do pêndulo do relógio?

Estas perguntas assustadoras agitavam certamente o espírito de Marcelo; mas parecia-lhe mais fácil afastá-las com um pontapé, do que confessar a si próprio as trevas profundas que lhe rodeavam a existência.

Porém, apesar de todos os seus esforços para o negar, o mistério estava presente; porque, de súbito, empalideceu e voltou a cabeça para o lado, fechando os olhos.

– Que tens, Marcelo?

Marcelo não respondeu.

– Que foi que aconteceu? Responde!... – perguntou ansiosamente Geneveva.

– Nada, – disse Marcelo por fim, em voz apagada.

– Nada...

E, no entanto, tinha visto... sim, tinha visto, um instante apenas, uma forma branca, vaporosa, enevoadada, mas bem viva. Era Luísa que, de pé, olhava tristemente seu irmão, parecendo censurá-lo pelas palavras que acabava de pronunciar.

A visão fora rápida como um relâmpago, mas nítida a ponto de Marcelo ter podido fixar vários pormenores: as mãos nuas, um anel na esquerda, o vestido que trazia naquele entardecer de inverno quando regressara a Anduze e os lindos cabelos louros espalhados pelos ombros.

Geneveva e Madame Lemaitre nada tinham visto.

– Aqui está – resmungou Marcelo –; começo a endoidecer... É absurdo...

Depois acrescentou:

– Ora, adeus! Trabalhar, trabalhar!

Mas a mão tremia-lhe e o pensamento, fugindo-lhe, esbarrava em trevas.

Desse dia em diante, nada mais de anormal se produziu na casa de Anduze.

Um ano depois desses acontecimentos (que reproduzo segundo um manuscrito que me confiaram e cuja origem não estou autorizado revelar), nasceu a pequena Luísa, filha de Marcelo e de Genoveva.

Eis aqui, sobre esta criança, algumas notas que se encontraram nos papéis de Marcelo, depois de sua morte:

“Quando olho para minha filha, fico encantado e consternado, ao mesmo tempo; encantado porque é uma criança linda e perfeita; consternado... porque não entendo. Não há dúvida possível. é Luísa, minha irmã. Os mesmos gestos, o mesmo olhar, os mesmos gostos, a mesma voz... Tem apenas seis anos e já desenha como Luísa desenhava com essa idade. Encontrei numa velha pasta um desenho de Luísa, ainda criança e deixei-o sobre a mesa; Genoveva e minha mãe não duvidaram um instante de que fosse obra de minha filha. E era de sua tia!... Não entendo.

Como não quero que Genoveva e minha mãe se embrenhem na loucura corrente hoje em dia, nas fábulas a que chamam reencarnações (que absurdo!), escondi todos os antigos retratos de minha irmã quando pequena, pois a semelhança com minha filha é tão espantosa, que impõe a convicção de que Luísa... realmente voltou! Luísa voltou!... Que fui eu escrever nestas notas que ninguém jamais lerá?... Sim, Luísa voltou.

E aqui está o que, acima de tudo, me impressiona; minha filha sabe coisas que ninguém lhe ensinou; parece que se lembra... Um dia desses viu num livro ilustrado uma bandeira americana; olhou-a com avidez e perguntou:

– É uma bandeira americana, não é? É verdade que cada estrela é um Estado da América? Como seria bonito!

Nunca sua mãe, nem sua avó, nem eu lhe tínhamos dito semelhante coisa. Como pode sabê-lo?

Exatamente como minha irmã quando tinha a sua idade, canta maravilhosamente. Apenas pôs as mãos no piano, logo compreendeu a harmonia e encontrou acorde. Canta tão bem que o nosso Pastor, ao ouvi-la, quis que cantasse na capela. Toda gente ficou maravilhada. E ela, radiante com os elogios, divertidíssima e à vontade, como se estivesse acostumada.

É extraordinariamente meiga com a avó, que está envelhecendo muito e que já não pode passar sem ela. É a luz dos seus olhos. Entre as duas as conversas não têm fim. Minha mãe não se admira de encontrar na neta uma repetição exata do que foi sua filha. A mim, parece-me demais... e tenho medo.

Luísa faz hoje doze anos. Toda gente a adora. O nosso velho Pastor quis ensinar-lhe música. Disse-me a rir:

– Afinal, não sei o que lhe hei de ensinar, porque ela sabe tudo. É muito esquisito!

Como é bom músico, não se contenta com salmos e cânticos; inicia a discípula na música profana. Um dia desses Luísa cantou-nos uma ária muito difícil: *As Andorinhas*, da *Salambô*.² E com que expressão! É realmente extraordinário!

– Se ela quisesse – disse-me o nosso Pastor –, poderia ter grande carreira no teatro.

Não! Teatro, não, mil vezes não!... Não consentirei jamais em deixar minha filha ir para Paris. Lembro-me que sua tia...

* * *

Luísa tem catorze anos.

É realmente um gênio, como minha irmã. Mas é preciso que esse fato não a arraste aos mesmos abismos. Se eu não estivesse a seu lado...

Mas estou, graças a Deus.

Ontem, dia dos meus anos, ela quis fazer-me uma surpresa. Encontrei em cima de minha mesa uma água-forte de Rembrandt, muito interessante; e, por baixo, estas palavras:

“Ao meu querido pai. Luísa.”

Perguntei-lhe onde descobrira aquela gravura, que não estava, com certeza, na minha coleção. Desatou a rir e, saltando-me ao pescoço, disse:

– Pois não vês, pai, que Rembrandt... sou eu?

Durante duas noite inteiras, fechada no seu quarto (o antigo quarto de minha irmã), dedicou-se ao trabalho de gravar aquela obra realmente assombrosa. Aposto que um perito seria forçado a dizer que aquilo é um Rembrandt autêntico.

O desenho representa um porto de mar, um navio à vela balouçando-se sobre as águas, homens descarregando caixotes que se vão amontoando no cais. E Luísa acrescentou muito séria:

– Durante o meu trabalho, pensava constantemente nesta viagem. Regressaram com certeza da América. Quem me dera ir à América!

Não! Não irá a Paris nem à América!... Sinto que, sobre nós, pesam fatalidades. Mas não quero deixar-me esmagar por elas. Não há mistério. Há a consciência; há a vontade humana. Uma vontade que, quando se afirma, quebra tudo!

* * *

Quatro anos depois...

O temido acontecimento realizou-se.

Deu-se uma cena violenta entre minha filha e eu. A minha pobre Genoveva afligiu-se muito; e a minha querida mãe deve ter estremecido no seu túmulo.

Luísa pediu-me que a levasse para Paris a fim de lá estudar música no Conservatório. Sabe as condições do concurso, e conta ser admitida.

Disse-me que essa era a sua vocação. Não respondi. Insistiu, chorou. Mas não cedi. Respon-di-lhe por fim:

– Enquanto eu for vivo, não sairás de Anduze, senão casada com um bom rapaz, um francês... (por que disse eu isto?)

Então Luísa pôs-se de joelhos, suplicou...

Eu repeti-lhe apenas:

– Não, não e não!

E, apesar da minha ternura, empurrei-a com violência.”

Aqui está agora a notícia que se encontra no Jornal das Cevennas, de 5 de maio de 1909:

“Um terrível acontecimento acaba de espalhar consternação na nossa vila de Anduze. Um dos nossos concidadãos mais distintos, Marcelo Lemaitre, habilíssimo gravador, artista de fama, morreu vitimado por um acidente deplorável. Ontem à noite, quando regressava a casa, um automóvel desconhecido atropelou-o e passou-lhe sobre o corpo. Os autores desse atentado, depois de um vertiginoso desvio, continuaram o caminho em doida velocidade. Foram avisadas em todas as direções, as povoações vizinhas, enviando-se os sinais necessários, mas não se conseguiu ainda descobrir a pista dos malfeitores. Torna-se urgente que as mais rigorosas precauções sejam tomadas contra semelhantes assassinos.

Enviamos à viúva do nosso desventurado concidadão e à sua encantadora filha os nossos pêsames mais sentidos.”

LIVRO SEGUNDO

“A Honra de El-Rei”

Havia naquela noite, como em todas as noites de ensaio geral, grande alvoroço no Novo Teatro Lírico. Mas desta vez a agitação e a expectativa eram excepcionalmente febris, porque tudo se apresentava como novidade completa: teatro, peça, autores e a principal intérprete.

O comanditário do teatro era um rico industrial belga, Matias Farold, que um intenso e tardio amor pelas artes inspirava. Conquistara a sua grande fortuna por meio de uma idéia engenhosa que tornara todas as indústrias químicas tributárias da sua invenção. Casara muito novo e, ainda que pouco mais contasse de quarenta anos, tinha dois filhos já homens, que o substituíam, dispensando-o a ele, de canseiras e cuidados industriais e deixando-lhe o tempo livre para suas fantasias artísticas.

Farold desejara criar um teatro popular; mas sabia muito bem que o povo não se deixa seduzir por mesquinhas aparências. Para o conquistar, tornava-se necessário uma sala luxuosa, peças excelentes e intérpretes de primeira ordem.

É absurda a idéia de que o povo de Paris, tão requintado, tão exigente, pode sentir-se atraído por uma sala sórdida e interessado por um espetáculo de inépcias.

“Um teatro popular – dizia Farold – é um teatro melhor que outros. Se não for assim, não é um teatro popular.”

E depois, que triunfo! Poder criar uma série de representações, livremente, sem ter de sujeitar-se à avidez dos diretores, às intrigas, às baixas transigências, ao mau gosto do público, à venalidade dos jornalistas!

Matias Farold era uma força. Era o principal acionista de um importante jornal de grande tiragem, que falava pouco de política

mas fornecia indicações abundantes sobre coisas de arte e de teatro, sem desprezar as informações financeiras. Pelo seu jornal, pelo seu teatro, pela sua fortuna, Farold tornara-se uma das oito ou dez altas personalidades de Paris que, sem título oficial, sem funções determinadas e sem talento reconhecido, dirigem e ocupam a opinião pública.

Nada poupava para dar à nova peça “A Honra de El-Rei”, drama lírico, o maior esplendor. O libreto era, como convém, de estilo assaz banal; mas o assunto, tirado de um velho drama espanhol, vibrava de apaixonada inspiração.

Passa-se a cena em Aragão, no século XIV. Um grande fidalgo, Garcia, exilado voluntário, espécie de Hernâni, vive com Blanca, sua mulher, na solidão selvagem das montanhas. Dom Mendo, primeiro ministro, apaixonado por Blanca, inventa, para seduzi-la, o estratagema de se fazer passar por El-Rei... Mas, de resto, que nos importa o enredo? Dom Mendo é castigado como de justiça, e Blanca, depois de várias peripécias, volta a encontrar-se com o esposo querido.

A música, original e engenhosa, podia, no entanto, ser entendida até pelos não iniciados nos mirabolantes arcanos dos processos modernos, e isso, devido sobretudo à habilidade e talento dos intérpretes. Garcia (o tenor), e Dom Mendo (o barítono) eram excelentes; porém, o triunfo colossal da noite foi todo para Blanca, que nos cartazes se anunciava com o nome de Estela.

Era a estréia dessa jovem artista.

Como felicitassem Farold pela sua nova e maravilhosa aquisição, ele sorriu enigmaticamente.

– Sim, sim... Esta pequena há de ir longe. Verão que não me engano. Tem uma voz admirável e um talento de trágica excepcional...

O final da representação foi brilhantíssimo. Autores e intérpretes foram alvo de intermináveis aclamações.

Quando os aplausos cessaram, Estela, no camarim artisticamente mobiliado por Farold, recebeu os costumados visitantes: autores, jornalistas...

Tanto parecia, no palco, desembaraçada e vibrante de paixão, como se mostrava agora tímida, espantada, quase assustada com o seu êxito. A seu lado estava a mãe, mais tímida ainda e mais assustada que ela.

O vestuário severo de Madame Lemaitre, mãe de Estela, contrastava singularmente com o elegante público que se atropelava nos corredores do teatro.

Encontrava-se ainda outra mulher no camarim de Estela: Marieta Lenoir, a artista que desempenhara com verdadeiro talento o papel de rainha. Havia já três anos que o público dos teatros a conhecia e a apreciava; bonita, elegante, rodeada de todo o luxo que os sucessivos admiradores lhe faziam aceitar sem custo, Marieta, naquela noite contente com o próprio triunfo, dirigia à sua colega elogios sinceros.

Chamando à parte Madame Lemaitre, diligenciou persuadi-la que era preciso deixar Estela assistir à ceia do ensaio geral, costume por assim dizer sagrado, a que não era impossível subtrair-se sem ofender e descontentar toda a gente.

– E se receia deixar Estela sozinha – acrescentou Marieta – esteja descansada: servir-lhe-ei de companhia e irei depois levá-la a casa no meu carro.

Genoveva Lemaitre já não sabia o que pensar, o que dizer, o que fazer. Toda aquela gente a deixava aturdida. Percebia que sua filha adorada estava exposta tentações, seduções e a exemplos terrivelmente perigosos.

Depois da trágica morte de seu marido, opusera-se com energia à viagem a Paris: mas acabara por ceder diante do desespero de Luísa.

Em Paris, o honrado Merulaz, professor de canto, entusiasmara-se logo pelo talento excepcional da sua jovem discípula. Sucedeu que Merulaz conhecia Farold; e assim se falou de Estela para o papel de Blanca na peça “A Honra de El-Rei”.

Genoveva rejeitara essa idéia com horror. A neta de um Pastor figurando num palco! Que escândalo! Que vergonha! Porém Merulaz diagnosticava um êxito espantoso; a

remuneração era tentadora; Luísa implorava; a glória agitava ruidosamente seus guizos encantados... E por fim, Genoveva deixara-se vencer.

E agora ali estava atrapalhada, infeliz e hesitante, felicitada um pouco ironicamente por aqueles músicos, financistas, autores, jornalistas, mundo sonoro, vaidoso, superficial, incompreensível para ela e que, também por seu lado, não a compreendia.

Suspirando, lá abandonou Luísa à vigilância problemática de Marieta e voltou sozinha para o pequeno aposento que ocupava num quinto andar da rua Mont Tabor, não longe do Novo Teatro.

A ceia foi magnífica e muito animada. Farold, radiante, presidia, tendo Estela à direita e Marieta à esquerda. Não havia mais mulheres. Entre os convidados, o diretor do Teatro, um velho profissional que Farold arrancara à miséria, três ou quatro jornalistas de pouca fama, os dois jovens autores, o músico e o libretista, ambos ingenuamente encantados com a sua estréia tão feliz, o tenor e o barítono cujo único mérito consistia na bela voz, um industrial riquíssimo chamado Renato Morel e um médico, o Doutor Morisseau, que se apaixonara pelas ciências ocultas e fugia à clientela; esse estranho personagem vivia numa austera solidão e só a muito custo o seu amigo Morel o convencera a assistir àquela festa.

Durante a ceia, evidentemente, o assunto dominante foi “A Honra de El-Rei”. Recapitularam-se os pequenos incidentes da representação, fatos de mínima importância, mas que, em tais momentos, tomam proporções formidáveis. Uma das principais características das coisas de teatro é que os que lá vivem estão persuadidos de que delas depende a sorte do mundo. Parece que o destino dos povos está ligado à defeituosa entrada em cena de um figurante ou à hesitação de um ponto.

Falou-se das notabilidades do dia: dos ridículos de X., dos disparates de Y, das facécias de Z., da prodigalidade de A., da avareza de B. Paris inteira ali foi passada em revista e sem indulgência.

Indiferente a esse tumultuar de pseudo-idéias, Estela conservava-se silenciosa. Envolviam-na os primeiros fulgores da glória cuja aurora, dizem, é tão bela.

As atenções extremas de Farold surpreendiam-na um pouco. Ele também se calava e parecia alheio a tudo o que se dizia à sua volta.

Olhava para as mãos pequeninas e lindas de Estela e, por vezes, recuando um pouco a cadeira, contemplava-lhe o pescoço delicado e nu, riquíssimo de promessas... Estela trazia ainda o vestido com que representara: o de camponesa de Aragão. Uma grande flor vermelha desabrochava-lhe, provocante, nos magníficos cabelos louros.

Havia naquela criança uma tão perturbante mistura de ingenuidade e de coquetismo, que Farold, junto dela, se sentia embriagado, envolvido pela sua inconsciente sedução.

Com a champanha, as conversações tornaram-se mais ruidosas e mais livres; e as gargalhadas entrecrocaram-se com os copos.

– Sabe, Estela... que a adoro? – murmurou-lhe Farold ao ouvido.

Estela corou, atrapalhada, envergonhada. Hesitou um momento e logo respondeu, séria:

– Não me faça arrepender de ter vindo.

Ninguém ouviu este curto diálogo; no entanto, Estela julgou ver o olhar curioso de Morisseau fixado sobre ela; e a sua timidez redobrou.

Quando os convivas levantaram-se para partir, Marieta, desembaraçando-se de seus admiradores, chamou Estela à parte e disse-lhe:

– Prometi a tua mãe que te acompanharia a casa. Mas é difícil, porque Morel, aquele pateta que está acolá, quer por força levar-me no seu automóvel. Aliás está enganado... nada conseguirá senão gastar dinheiro no carro... Mas tenho a certeza de que Farold está pronto a acompanhar-te à Rua Mont Tabor...

– Não é assim? – acrescentou ela sem esperar resposta de Estela e interpelando abruptamente Farold. – Não é verdade que terá muito prazer em acompanhar Estela à sua casa?

Durante o trajeto de três minutos do Novo Teatro à rua Mont Tabor, Farold concentrava intensamente o pensamento em Estela, e esta, distraída, ouvia os aplausos do público, revivia as comoções do palco e recapitulava as homenagens dos inúmeros admiradores.

– Senhora D. Estela, – disse Farold ao despedir-se, de pé e descoberto, defronte da porta – se mo permite, virei amanhã lhe fazer uma visita às cinco horas da tarde. Muito obrigado mais uma vez e até outra vista.

Estela encontrou sua mãe inquieta e desolada porque a ceia se prolongara bastante.

– Vieste com Marieta? – perguntou ela.

– Não minha mãe. Foi o Senhor Farold que veio trazer-me em casa.

E Genoveva, na sua inocência, não ficou admirada nem descontente. Não desconfiava de Farold; não o julgava capaz de tenebrosas maquinações.

No dia seguinte, quando Farold se apresentou em casa de Luísa, sentia-se intimidado; porém Luísa perdera o seu acanhamento da véspera.

Esquecera quase as palavras temerárias que ele ousara pronunciar. O êxito triunfal apagara tudo. A crítica nos jornais da manhã, mostrara-se tão benevolente para os autores, como entusiástica para Estela; de modo que Farold encontrou, não a pequena provinciana ingênua e assustada, mas uma artista que a febre da glória inflamava.

– Então, – perguntou Farold – está contente?

– Seria preciso que eu fosse exigente para não o estar.

– Como poderei testemunhar-lhe a minha gratidão, Estela?

– Não falemos disso... Sou eu que lhe devo tudo. Sem o Senhor Farold nunca poderia ter estreado; e agora...

– Agora a fortuna de meu teatro está nas suas mãos. E é por isso que venho pedir-lhe um favor: desejo contratá-la.

– Previno-o de que vou arruiná-lo – disse Estela sorrindo.

– Assusta-me!

– Marieta disse-me que poderia pedir-lhe seis mil francos por mês.

– Não é bastante! – exclamou Farold – Ofereço-lhe vinte mil francos.

– O Senhor Farold está brincando comigo...

– Não estou. Ora, ouça: há em Paris uma grande artista que garante o êxito de meu teatro. Ninguém a pode igualar e não quero que ela vá cantar noutros palcos. Essa artista trará glória ao Novo Teatro lírico; e isto vale, a olhos fechados, algumas notas de mil francos.

E baixando muita a voz, Farold acrescentou:

– Além disso, conquistarei talvez assim algum direito há um pouco de reconhecimento, pois que, graças a mim, essa grande artista poderá evitar as mesquinhas dificuldades da vida material e entregar-se completamente à arte para a qual nasceu.

Estela não sabia que resposta dar: calava-se, perplexa e perturbada.

Farold, inexorável, continuou:

– Ninguém saberá deste segredo combinado entre nós, e assim evitará a maledicência... Não me responda por enquanto, não tome de repente uma resolução. Pense com vagar, e tornaremos depois a tratar deste assunto.

– Seja – disse Estela um pouco aliviada –; falaremos sobre tudo isto mais tarde.

– Entretanto, aqui tem uma pequena lembrança, para lhe conservar sempre viva na memória, a recordação da incomparável noite de ontem.

E, dizendo isto, tirou do bolso um pequeno estojo. Abrindo o, pegou no anel que ele continha e tentou enfiá-lo no dedo de Estela. Era um diamante lindíssimo.

– Não, não... – dizia ela –, sou ainda uma criança. Não devo usar jóias tão preciosas...

Então, agarrando-lhe a mão com uma ligeira violência, Farold conseguiu por fim o seu intento.

Estela defendia-se mal e não resistia à tentação de admirar as cintilações da jóia a cada movimento que fazia.

– É mal feito isto, Senhor Farold; bem sabe que não posso aceitar...

– E ainda menos recusar, pois daria um grande desgosto a este seu amigo que tanto lhe quer.

Estela estava tão atordoada, que nem deu pelo gesto de Farold, que lhe passava devagar o braço em volta da cintura e chegava a si, a pouco e pouco, aquele corpo flexível e encantador, todo fremente de comoção.

Porém, de repente ela caiu em si e recuou assustada. Diligenciou então tirar o anel do dedo, mas Farold não lho consentiu.

– Seria tão ingrata recusando esta pequena lembrança, como eu se não lha oferecesse. Ora, a ingratidão é o oitavo pecado mortal; mais mortal ainda que os outros sete. E, agora, não pense senão em Blanca!

* * *

A primeira representação de “A Honra de El-Rei” foi um triunfo maior ainda que o do ensaio geral.

Logo na primeira cena, Marieta reparou na jóia que brilhava na mão de Estela e que não era anel de colegial; compreendeu imediatamente.

– Foi Farold quem to deu, não é verdade? E fez ele muito bem. É muito generoso, está enamoradoíssimo, e farás dele o que quiseres.

É bem certo que Farold estava enamoradoíssimo de Estela. Porém, ao seu ardor apaixonado, misturava-se um outro sentimento. Até ali conhecera apenas conquistas fáceis, aquelas que são acessíveis a qualquer banqueiro opulento; mas a conquista dessa rapariga inocente que, pela sua beleza e talento

prometia vir a ser uma das grandes artistas de seu tempo, constituía para ele uma vitória que lhe acariciava deliciosamente a vaidade. Ser o amante consagrado da nova e brilhante estrela, fazia parte de seu programa essencialmente parisiense.

Mas conservava-se por enquanto, respeitoso; beijava longamente a mão de Estela, mas não ia além dessa carícia quase banal. No entanto, no teatro e por fora, toda a gente estava persuadida de que Estela era amante de Farold; e ninguém se admirava. Por que haviam de admirar-se? o fato em si a todos parecia natural.

Tanto mais que Farold, a fim de obter, dizia ele, a benevolência dos jornalistas, convidava-os para almoçar com Estela nos melhores restaurantes de Paris. Pobre Estela! Não se divertia durante esses almoços; e enquanto ouvia, distraída, as conversas banais trocadas entre aqueles cépticos, procurava, com olhar vago, distinguir as confusas visões de glória e de amor que palpitavam, poderosas e em silêncio, à sua volta.

Muitas vezes, entre os convivas desses almoços, encontrava-se o Doutor Morisseau. Porém essa criatura enigmática inspirava-lhe mais medo que simpatia. Tinha esse homem impassível um olhar que parecia penetrá-la até o fundo da alma; e Estela estremecia quando os seus olhos encontravam os dele.

Como o tempo fosse passando, às vezes, nesses almoços, depois de partirem os jornalistas, Estela ficando só com Farold, tentava este aproximar os seus lábios dos dela... Estela defendia-se com energia.

– Não, não! Isso nunca. É impossível!

Um susto invencível fazia-a estremecer; e recuava bruscamente quando Farold se tornava mais audacioso.

Um belo dia de verão, Farold veio buscar Estela.

– Quero fazer-lhe uma surpresa – disse ele; – mas prometa-me que não se zanga.

Partiram. O automóvel parou defronte de uma linda vivenda no Bosque de Bolonha.

– Gostaria que me desse a sua opinião sobre esta casa que acabo de adquirir – disse Farold.

Era um pequeno palacete delicioso, mobiliado com luxo moderno e de bom gosto.

Farold mostrou a casa toda a Estela.

– Na Espanha – disse ele –, quando entramos em qualquer habitação, o dono da casa nos diz: Vou mostrar-lhe a sua casa... É apenas uma fórmula cordial de hospitalidade, nada mais. Ora, não estamos na Espanha; e eu digo a você, Estela: Aqui está sua casa. Entrego-lhe as chaves. Amanhã, se quiser, tudo estará pronto a receber, e à sua mãe.

Desceu com ela a escada. Fixada na grade do jardim estava uma lápide de mármore coberta com uma tela. Farold arrancou a tela e Estela leu, em letras de ouro: Vila Estela.

– Não, não! – balbuciou ela ruborizando-se; – vamo-nos embora.

No dia seguinte Farold foi novamente buscá-la para irem à Vila Estela.

– Viu-a mal. – insistiu ele. – Nunca se vê bem uma casa, da primeira vez.

Na sala da deliciosa vivenda, Farold tornou-se mais exigente. Ajoelhou-se diante de Estela, agarrou-lhe as mãos com força.

– Tudo isto é teu, minha adorada, minha encantadora Estela; e nada peço em troca senão muita confiança e... um pouco de amor.

– Levante-se, senhor Farold... – balbuciou Estela – A minha confiança, bem sabe que a tem toda. Mas não devo amá-lo. É casado, tem dois filhos... Que diriam de mim? que diria minha mãe? Com certeza me amaldiçoaria, e com razão... Seria indigno...

Tinha os olhos cheios de lágrimas. Todas as tradições de família, todos os pudores de virgem se revoltavam naquela hora decisiva. E, no entanto... deixava Farold cobrir-lhe as mãos e o rosto de beijos audaciosos.

Bruscamente, separou-se dele.

– Não! É impossível! Seria o primeiro a desprezar-me depois...

E saiu correndo.

Defendera-se heroicamente; porém essa defesa não se manteve.

Dois dias depois Estela escrevia a Farold a seguinte carta:

“Que hei de dizer-lhe, meu amigo, senão que me vejo forçada a crer na sinceridade das suas palavras e do seu amor? A você devo tudo. Como poderei pois, responder com frases ofensivas a tantas promessas de dedicação e de ternura? Não quero ser ingrata...

Mas também não quero representar na sua vida uma fantasia, um brinquedo, um capricho; teria, nesse caso, horror a mim mesma e a você. Portanto, se me entrego, é para ser amada apaixonadamente e fielmente. Quero ser respeitada por você como fosse sua mulher, como se usasse o seu nome; e então lhe prometo, da minha parte, confiança, fidelidade, ternura...

Tremo ao escrever-lhe estas linhas.

Sim... Venha!”

Farold não chegou a ler esta carta. No mesmo instante em que Luísa escrevia, às dez horas da manhã, preparando-se ele para sair, de repente cambaleou e caiu desamparado.

Uma dor angustiante, atroz, suspendeu-lhe durante alguns segundos as pulsações do coração.

Quando voltou a si, tinham-no levado para a cama. Tinha os olhos esgazeados e mal podia respirar.

O Doutor Morisseau, chamado às pressas, só pôde constatar o princípio da agonia.

Hemorragia cerebral? Angina do peito? Em todo caso, a morte iminente.

No seu delírio, Farold murmurava palavras sem sentido:

“Por que não queres tu que ela me ame? Por que me fulminaste? Não me olhes assim, com esse olhar tremendo... Perdão!... Perdão!...”

Suas palavras tornavam-se cada vez mais indistintas.

Começou o estertor. Com as mãos, parecia repelir um ser imaginário, um monstro que o estrangulasse, lhe esmagasse o peito.

Por fim as feições convulsionadas distenderam-se. Empalideceu e soltou um fundo suspiro, último vestígio da vida que se extinguia.

Assim morreu Matias Farold, antes de ser amante de Estela.

Estela sentiu dolorosamente a morte de Farold. A pouco e pouco lhe fora crescendo no coração uma amizade sincera por aquele homem generoso e amável de quem nunca chegara a conhecer a vaidade e o egoísmo.

Que seria dela, agora que seu protetor, o seu defensor, quase o seu noivo, desaparecera para sempre?

No entanto, acudiam-lhe com freqüência outros pensamentos: se, com a morte de Farold perdera um apoio, um amparo, por outro lado ganhara a liberdade.

Ao mesmo tempo em que lastimava a perda da vida de luxo prometida por Farold, sentia-se como que aliviada de uma humilhação pesada. Encontrava-se de novo livre, orgulhosa de sua independência, feliz de não ser escrava de ninguém. Chegava a ter remorsos de não se sentir mais triste, mais abatida com o golpe. Seria incapaz de amar? O sentimento que lhe inspirava Farold, misto de susto e de confiança, de gratidão e de revolta, não se parecia com aquele que ela imaginava ser o amor: um pensamento exclusivo, uma ternura, uma incondicional adoração. Nunca Farold despertara no seu coração esse sentimento invasor e absoluto, que devia ser delicioso.

Todos os homens que a rodeavam lhe pareciam desprezíveis, feios, falsos, debochados. Refugiava-se num mundo ideal, arrastada pela sua imaginação: o mundo criado pelos romancistas e pelos poetas, o mundo encantador e luminoso onde não há as vilanias e pequenezas da existência vulgar.

Porém, uma lei dura e inexorável domina os sentimentos: os mais puros, os mais elevados, os mais nobres são constantemente alterados e tolhidos pelos cuidados e preocupações materiais. O ouro tomou tal império sobre os interesses humanos, que a sua influência dominadora abrange tudo. Avaliamos as coisas morais ou materiais deste mundo pela quantidade de ouro que representam.

Essa lei pesava agora sobre Luísa. O luxo entrevisto num instante, como num sonho, desaparecera.

Era preciso, para viver, que a mais severa economia fosse observada.

O Novo Teatro Lírico naufragara com a morte de Farold. Um rico banqueiro comprara-o por baixo preço; e a sua única preocupação era dar os principais papéis a uma sua amante, velha cantora já murcha, que tinha ciúmes das novas e não permitia a Estela nem a outras figurarem junto dela.

Por outro lado, a saúde de Genoveva tornara-se frágil; o êxito rápido da filha causara-lhe mais consternação que entusiasmo. Nada compreendera do procedimento de Farold; ingenuamente supusera que as visitas repetidas e até os presentes eram inspirados pelo culto da arte. Fora-se apagando cada vez mais diante de Luísa, como se apagara sempre diante do marido. A sua devoção redobrou; tinha a Bíblia sempre à cabeceira e, durante as horas de insônia, relia o livro maravilhoso no qual seu pai lhe ensinara, outrora, a conhecer as letras.

Por sua vontade, teria já regressado a Anduze; mas Luísa, que alimentava sempre a esperança de obter um novo contrato nalgum teatro, pedira-lhe que se demorassem uns tempos mais em Paris.

No entanto, como era preciso fazer face às despesas indispensáveis e, além disso, Luísa adquirira alguns hábitos de luxo, Genoveva fora obrigada a vender sua casa de Anduze.

Durante um ano, mãe e filha viveram assim, muito retiradas, muito solitárias, naquela grande Paris que, a princípio, prometera a Luísa um destino tão brilhante! Que mudança!

A única amiga que Luísa recebia era Manieta.

Marieta retirara-se também do teatro; mas possuía outros recursos que nada tinham de misteriosos. Os seus vestidos de suntuosa elegância e o seu magnífico automóvel aterravam um pouco Genoveva.

“É preciso não ser severa com Marieta – dizia Luísa sorrindo –, ela gosta muito de mim. É uma avezinha frívola e encantadora que é incapaz de um pensamento maldoso.”

Marieta indignava-se contra os diretores de teatros.

“Que fantoches! – exclamava ela. – Não querem contratar-te porque és modesta e virtuosa demais. Porém o que é certo é que não podes continuar a vegetar assim. É incrível que o teu Farold não tenha deixado nada! Aliás, não podes chorá-lo eternamente, até o fim dos séculos!...”

Marieta pensava, como toda gente, que Luísa fora amante de Farold; e Luísa nem tentava dissuadi-la.

Ora, um dia Marieta disse a Luísa:

– Está decidido! Quero que o diretor do teatro de Ruão te ouça. Conhece muito bem o meu amigo João e estou certa de que vai contratar-te para a próxima temporada. Seria excelente. Em Ruão, o público é mais exigente que em Paris; mais conhecedor de música. Encontrar-te-ás em minha casa com Renato Morel... Sim senhora! Renato Morel, um dos teus admiradores, um grande amigo de João. És uma selvagem... e não é assim que se faz caminho no teatro. E depois, verás todos os presentes que João me tem dado, e o mais lindo de todos, um amor de palacete... Está dito! Não tens licença de recusar. Seria o fim da tua vocação artística, desencadearias a minha maldição e... obrigar-me-ias a chorar uma noite inteira!...

E Luísa foi admirar o *amor de palacete* e cantar diante dos convidados de Marieta, a grande ária de Lakmé.

O público aplaudiu, conquistado, entusiasmado. Nunca Luísa parecera mais inspirada. A sua beleza resplandecia. O diretor do teatro, Verlurer, um homenzarrão jovial e bom entendedor de música, ficou logo encantado, seduzido, convencido; e ali mesmo se estabeleceram as bases do contrato.

Porém, o que se mostrou mais maravilhado e mais apaixonado, foi Renato Morel.

Renato Morel era o que vulgarmente se chama *um filho de família*: devia ao esforço do pai a grande fortuna que possuía. É provável que fosse incapaz de a ter conquistado ele próprio. Felizmente, a esplêndida fábrica de tecidos fundados pelo pai de Morel (operário genial tornado patrão), funcionava como um cronômetro. Desde a morte do velho Morel, Renato pouco ou nada se ocupava dela, entregando-a nas mãos de seus contramestres, enquanto se divertia em Paris, despreocupado e desprendido dela, assim como de sua mulher e filhos, que habitavam uma casa magnífica perto de Ruão.

Com trinta e cinco anos, uma fisionomia agradável, uma grande fortuna, poucos escrúpulos e nenhum talento, Renato exercia sobre as mulheres uma irresistível sedução.

Porém, naquela noite, em casa de Marieta, esse condão parecia perdido: Estela nem sequer notava suas atenções.

Por volta das dez horas, a fim de satisfazerem o desejo e a curiosidade de Marieta, puseram as mãos sobre uma pequena mesa e tentaram *fazê-la falar*, segundo a inepta expressão que a gente da sociedade adotou.

Já era tarde; Morisseau tinha partido. Só estavam presentes Marieta e seu amigo João de Ferrière, Verlurer, o diretor, Morel e Luísa. Morel chegara-se a Luísa o mais que podia e lançava-lhe olhar ardente, enquanto ela, um pouco incomodada por aquela paixão indiscreta, falava em partir. Aliás, considerava ridículas superstições aqueles interrogatórios à mesa.

Sucedeu porém, que justamente no instante em que se dispunha a partir, uma chuva torrencial, acompanhada de trovoadas, caiu sobre Paris.

Recomeçaram a experiência com a mesa. Apenas Luísa lhe pousou a mão, desta vez estremeceu e oscilou fortemente.

Marieta, que outrora, com um grupo de pessoas amigas praticara esses exercícios, começou a dizer as letras do alfabeto. E a mesa, como se fosse viva e pensasse, ditou esta frase:

“Aqui estou sempre junto da virgem tão querida. *Obscuris vera envolvo*. Ai daquele que, antes da hora, lhe tocar.

Van Ryn”

Unanimemente todos declararam que estas palavras não tinham sentido. Nem João, nem Verlurer, nem Morel sabiam latim; e quanto ao nome de Van Ryn, era-lhes completamente desconhecido.

Luísa não teve paciência de lhes explicar que Van Ryn era Rembrandt... Rembrandt por quê? Por que esta recordação de Anduze? Teriam pois sido as suas mãos que atuaram sobre a mesa? No entanto, estava bem certa de que não exercera a mínima pressão...

Nenhuma das pessoas presentes podia supor que a virgem tão querida de Rembrandt fosse ela...

Perturbada e pensativa, calada no meio das tolices e brincadeiras que fervilhavam à sua volta, Luísa recordava sua infância.

A trovoada cessara. Era meia-noite. Não pôde recusar o automóvel de Morel que, durante o caminho, se tornou audacioso, principiando por querer beijá-la. Repeliu-o com tal indignação, que não se atreveu a insistir; porém esta resistência só teve como resultado o redobramento do ardor de Morel.

Durante os dias que se seguiram, jurou ele a si mesmo que conquistaria junto de Estela o lugar deixado vago pela morte de Farold. E como princípio de campanha, resolveu liquidar o que, por singular eufemismo, chamava *uns negócios de coração*.

Ora, os seus negócios de coração eram representados naquele momento por Lea des Roches, uma linda garota bem conhecida na sociedade alegre e fácil de Paris. Mandou-lhe uma jóia do valor de uns milhares de francos, com a notícia de que tinha de deixar a capital por algum tempo, talvez para sempre.

Foi provavelmente por estar absorto na sua paixão por Estela, e descuidado de tudo que não fosse ela, que numa daquelas manhãs, ao passar pela Avenida do Bosque, por bem pouco não deu uma queda desastrosa.

Montava Hécate, uma égua muito mansa e fiel, quando subitamente, apesar de ir a passo e tranqüila, a égua se empinou louca de terror como se tivesse visto o que quer que fosse de horrível e, rodando sobre as pernas, virou para trás e partiu a galope desenfreado. Foi com enorme esforço e dificuldade que Renato, por fim, conseguiu dominá-la. A égua parou, fremente, espumante, com a respiração ofegante e ruidosa, os olhos espantados e injetados de sangue.

Renato era um excelente cavaleiro e grande conhecedor de cavalos. Sabia muito bem que esses animais, quando se assustam uma vez, ficam afeitos a igual comoção ao passar de novo pelo mesmo sítio. Não se admirou pois, quando no dia seguinte, Hécate repetiu, no mesmo lugar, a cena da véspera.

Procurando qual podia ser a causa desse pavor tão extraordinário num animal manso como Hécate, Renato reparou na casa defronte da qual se dera o incidente. Preso à grade, balouçava-se um letreiro branco onde se lia: Para vender ou alugar; e, por detrás do letreiro, numa lápide de mármore, estas palavras: Vila Estela.

O nome intrigou Morel, que tratou de se informar. Soube então que aquela casa fora comprada por Farold, para sua amante; que esta não chegou a habitá-la. Os herdeiros de Farold queriam vender a casa, pediam pouco preço e davam todas as facilidades de pagamento.

Esses pormenores intensificaram os desejos amorosos de Renato. Sem perda de tempo foi contar tudo a Marieta, declarando-se esta, com energia, de opinião que Estela não podia manter-se eternamente fiel à memória de Farold e que o próprio morto se regozijaria, lá no seu túmulo, ao saber Estela de posse da casa que lhe destinara.

Tomando a peito este negócio, Marieta procurou Estela e insistiu para que fossem juntas ver a casa.

Extasiou-se e obrigou Luísa a extasiar-se.

– Bem vê, minha filha, – disse ela – seria loucura dizer não a Morel. Afinal de contas, a vossa união tomará proporções de um verdadeiro casamento porque, se tiveres juízo, Morel mais tarde

ou mais cedo não terá remédio senão divorciar-se. É um excelente rapaz, que te tornará muito feliz. Poderás assim, tratar com todos os cuidados necessários a tua mãe doente, e esperar sem aflições o contrato que Verlurer te prometeu. Do contrário, serás obrigada a jantar dois arenques e a usar meias de fio da Escócia.

Estela hesitava. Renato escrevia-lhe todos os dias, cartas ardentes que pareciam sinceras. O estado de Genoveva ia piorando e os recursos pecuniários esgotavam-se com tal rapidez que já se tornara necessário empenhar o diamante de Farold.

Marieta teve então uma idéia luminosa:

– Já que sabes fazer falar a mesa, escuta o conselho que ela te der. Vem jantar em minha casa, com Renato, já se vê. Quando o conheceres melhor, verás que, além da Vila Estela, ele possui grandes qualidades.

Luísa aceitou.

Marieta recebeu os seus convivas encantada. Falou de espiritismo a torto e a direito. Morisseau, que estava presente, contou dois ou três casos extraordinários, nos quais, deliberadamente e em ar de troça, Renato se negou a acreditar.

– Vai troçando, meu velho, vai troçando... – dizia-lhe Morisseau. – Há de chegar o momento em que sentirás vibrar em ti forças inteligentes que negas agora. São mais poderosas do que nós e desprezam os nossos sarcasmos. Acabarás por crer nelas, quer queiras, quer não.

– Nunca acreditarei. De resto, já não creio em nada senão no amor – respondeu Renato, olhando Estela apaixonadamente.

Aquele amor já não era segredo para nenhum dos convivas, que consideravam Renato quase como noivo de Estela. E por que não? Tais uniões, se não têm caráter legal, são por vezes muito mais sinceras que os casamentos oficiais.

Consultou-se a mesa. E muito nitidamente, as seguintes palavras foram formadas:

“Cá estou sempre. Protejo a minha virgem tão querida. Ai daquele que, antes da hora... Terá a sorte de Farold. Avisarei Jacinto pela queda de... Ai de Jacinto!”

Renato empalidecera. Tentava rir, repetindo:

– Absurdo! Absurdo!

Mas este nome de Jacinto era o seu; por lhe parecer ridículo e vulgar, escondia-o como a um crime.

Todos troçaram muito do imaginário Jacinto; e Morel teve o cuidado de não revelar o que só ele sabia: que estava inscrito no registro civil de Ruão com o nome de Renato Jacinto Morel.

Pediram mais explicações à mesa, que a elas se recusou obstinadamente.

No entanto, Estela era tão linda, tão sedutora, dotada de um coquetismo natural tão irresistível, que Renato em breve esqueceu esse ridículo incidente e, de novo, foi arrastado pela sua paixão.

– Amanhã, em minha casa – disse-lhe Estela –, dar-lhe-ei a resposta definitiva.

Sim, resignava-se. Agora, que toda gente estava persuadida de que ela fora amante de Farold, já não podia esperar (ou rezear) um casamento burguês.

E, afinal, a existência que Renato lhe oferecia apresentava-se agradável e fácil. Não tinha por esse homem o grande amor que sonhara, mas, quem sabe? Talvez ela não fosse susceptível de tal sentimento.

Renato chegou antes da hora. Os namorados são sempre assim.

Esquecera o caso de Jacinto.

Mas Luísa, logo de princípio, disse-lhe: opondo-se às suas carícias, disse-lhe:

– Tenho que lhe falar de coisas sérias...

– Mete-me medo!

– Sei que gosta muito de mim. E no entanto crê, como toda gente, que pertenci a Farold. Agora me escute: o pobre Farold foi

fulminado pela morte exatamente no instante em que eu ia aceitar a existência que ele me oferecia...

Renato estremeceu.

– Então – balbuciou ele –, Farold foi assim fulminado no momento...

– Sim. A morte levou-o em poucos minutos. Bem vê que posso pedir-lhe, como pedi a Farold, não só o seu amor, mas também a sua confiança. Ser-lhe-ei fiel como uma mulher a seu marido. Esta mesma palavra escrevia eu a Farold na manhã do dia em que ele morreu. Quero ser respeitada por você e pelos outros, como se usasse o seu nome...

Mas Renato já não a escutava. Diligenciara em vão evocar outras imagens; o rosto lívido e gelado de Farold dominava tudo.

Estela julgou que a perturbação de Renato era devida à sua alegria. Ofereceu-lhe os lábios e disse-lhe sorrindo:

– O meu senhor está contente por saber que a sua Estela, antes de lhe pertencer, não pertenceu a ninguém?

A pouco e pouco Renato ia ganhando coragem.

– Ah! Estela! que felicidade a minha! – exclamou ele com sinceridade.

– Serei hoje sua noiva apenas – disse ela recusando as suas carícias. – Mas daqui a três dias, na Vila Estela, serei sua mulher.

Renato partiu radiante e... aterrado.

Nunca, no decorrer de sua existência ociosa, tantos pensamentos graves se lhe tinham agitado no cérebro. Entrechocavam-se, tumultuosos e desordenados.

Indignava-se contra si próprio.

“Será possível – pensava ele – que eu tenha atingido tal grau de estupidez? Que tolice! Não há idiota no mundo que não ria de tais disparates. Foi o acaso que ditou o nome Jacinto...”

E, apesar de tudo, aquele Jacinto o perseguia. Recapitulava a mensagem: *a sorte de Farold reservada a Jacinto!* Isto era de uma precisão cruel.

Quis conversar com Morisseau, pedir-lhe alguns esclarecimentos que o sossegassem. Mas o Doutor Morisseau não estava em casa.

Então, procurando distração ou talvez inspiração, dirigiu-se para a Vila Estela, que adquirira. Não fora uma loucura; obtivera por baixo preço. Ainda nas suas prodigalidades suntuárias de aparência imprudente, Morel conservava a noção burguesa, muito legítima, do que gastava ou do que dava.

“Sejam quais forem os acontecimentos – dizia ele consigo –, sempre me ficará a casa, que poderei vender mais cara do que comprei.”

Visitou-a minuciosamente; e foi pensando que o porteiro e sua mulher podiam provisoriamente fazer o serviço, enquanto não se organizasse pessoal mais numeroso. Esse bom homem lhe disse:

– Tanto minha mulher como eu estamos às suas ordens e bem contentes com a idéia de que a casa vai ser agora habitada. E isto por causa das coisas esquisitas que se passam aqui. Não somos supersticiosos nem dados a medo, mas quando chega a noite, há mais razão para sustos do que para sossego. Fora de horas ouvimos na escada passos pesados que fazem tremer a casa toda. Minha mulher diz que é a alma do Senhor Farold que anda por aí... Tolices! Quando se morre é por uma vez, não lhe parece?

Tolices... talvez. Porém tais tolices produziram em Renato uma impressão muito desagradável. Decididamente havia naquela ambiência o que quer que fosse de anormal.

Antes de voltar para casa, foi mais uma vez procurar Morisseau; mas este, alegando segredo profissional, nada quis dizer sobre a morte de Farold.

No entanto, Renato pretendia tranquilizar-se. Havia nele uma virtude tenaz: a prudência; uma virtude que o levava à timidez. Nunca pessoa alguma tivera de censurá-lo por excesso de bravura.

Não hesitou, pois, em confessar a Morisseau que Jacinto era o seu nome; que, segundo todas as probabilidades, *a virgem muito querida*, era Estela; que tudo levava a crer, ainda que parecesse

loucura, que um ente invisível tinha ciúmes dela; e que, em todo o caso, ele, Renato Jacinto Morel, não se achava disposto a compartilhar a sorte de Farold. E acrescentou:

– É certo, como to disse mil vezes, que não creio em tais disparates: mesas falantes, espíritos que dão pancadas na madeira, toda essa bruxaria infantil. No entanto, pergunto a mim mesmo se não serei daqui por diante perseguido, atormentado... Foi ele que quis matar-me, assustando Hécate; é ele que passeia pela Vila Estela... Tu, que és tão sabido em tais patéticas, livra-me desta obsessão e diz-me se posso, sem perigo, amar Estela. Achas que este meu receio é absurdo, não é verdade?

– Não, não é absurdo – disse Morisseau pensativo.

– Que me aconselhas, então?

– Observa, examina, julga. Navegamos num oceano tenebroso e não tenho conselhos a dar-te.

– Mas adoro Estela perdidamente.

– Adoras Estela e... tens medo.

– Medo, eu? – exclamou Renato com força – Não tenho medo nenhum e tudo isto é uma asneira. A prova de que não tenho medo é que daqui a três dias vamos estrear a Vila Estela. Convido-te para o nosso jantar de bodas...

Na biblioteca de Morisseau dependurava-se do teto, por três fortes correntes de bronze, uma concha de ônix, através da qual uma lâmpada elétrica filtrava a sua luz atenuada e suave.

Ora, apenas Renato pronunciou esse desafio, bruscamente o gancho que no teto segurava as três correntes desprendeuse e a concha de ônix veio, com grande estrondo, esmigalhar-se no chão.

Renato encontrava-se justamente no meio da sala; de modo que a pesada suspensão, ao cair, lhe passou rente à cabeça. Tal foi o susto e o abalo ressentidos, que ele próprio tombou, desmaiado.

– Estás ferido? – perguntou Morisseau ajudando-o erguer-se.

– Creio que não – respondeu Renato em voz sumida.

– Isto é grave! resmungou Morisseau – A mesa disse: *Serás avisado pela queda...*

Renato não respondeu; porém a sua resolução estava definitivamente tomada. Pode-se lutar contra os homens, que são de carne e osso; mas não contra as forças ocultas. Não há forças ocultas. Não existem; porém devem ser temidas como se existissem. Sem dúvida, a vida desses entes invisíveis, intangíveis, é criada apenas pela nossa imaginação. Todas essas coisas estranhas, perturbantes, são histórias da carochinha, contos para crianças ou velhos... Porém teremos nós o direito de...

Subitamente, de entre o *sabbat* desses pensamentos desencontrados e contraditórios, surgiu-lhe um desejo intenso de existência moral, regular. Lembrou-se de que possuía, perto de Ruão, um rico palacete ricamente mobiliado, uma esposa fiel e ainda moça, e dois filhos pequenos que não tinha o direito de abandonar. Percebeu clara e, subitamente, que Paris só proporciona falsos prazeres. Convenceu-se de que Estela, falsa como todas as mulheres, fora amante de Farold e que, em todo o caso, bruxa ou não, era terrivelmente perigosa. Em resumo, entendeu que devia partir de Paris o mais breve possível, a fim de fugir ao destino que vitimara Farold.

Durante a noite inteira fortaleceu-se nesses pensamentos, tão ajuizados como pouco heróicos. De modo que, no dia seguinte, depois dessas horas repartidas entre reflexões prudentes e desagradáveis pesadelos, escreveu a Estela a seguinte carta:

“Minha encantadora Estela.

Vejo-me infelizmente obrigado a voltar para Ruão. Há fatalidades que se opõem à realização dos nossos sonhos. Tenho o coração despedaçado pela idéia de que esta separação será talvez muito longa... Perdoe-me. Peço-lhe que use essa pulseira a fim de não me esquecer. E... lamente-me, pois me sinto muito infeliz.

Seu muito fiel e desgraçado amigo

Renato Jacinto Morel”

E, segundo o seu costume em caso de tais rupturas, juntava à carta uma lindíssima pulseira.

Ao receber esta missiva, Luísa teve primeiro um impulso de indignação. Depois riu-se.

– Em verdade – disse ela – escapei de boa!

Um sentimento de vergonha invadia-a agora. Como pudera ela alimentar alguma simpatia por aquele triste personagem?

Quis escrever-lhe devolvendo a pulseira, recusando aquela oferta que era quase uma ofensa. Porém, ao pegar na pena, sentiu-se envolvida num estranho torpor; e nem soube o que escrevia. Foi num estado de inconsciência intermédia entre o sono e a vigília, que enviou a Renato, juntamente com a pulseira, as seguintes linhas, *que não eram de sua letra*:

“Entendeste os meus avisos. Estela nada pode aceitar de ti.

Van Ryn”

LIVRO TERCEIRO

Amsterdã

Decorreram mais dois anos.

Genoveva Lemaitre morrerá. Esse acontecimento foi para Estela um golpe doloroso, amargo, profundo. No entanto, não renunciou ao teatro.

O demônio do teatro é um grande sedutor, e Estela recebera dele tantos favores, que já não podia resignar-se a voltar, órfã e pobre, a Anduze, a pequena vila da província, que lhe parecia agora tão acanhada e triste.

Ficara em Paris. Infelizmente as suas amigas tinham razão ao dizer-lhe que, para elas, o único meio de conseguir algum êxito no teatro consistia numa proteção influente. Mas Estela não queria mais saber de protetores.

A verdade, no entanto, é que não tinha motivo para se queixar da sorte, pois estava representando Lakmé na Opera Cômica. Não era evidentemente o que sonhara: uma criação, um papel novo como em “A Honra de El-Rei”. Por outro lado, os vencimentos, medíocres, chegavam apenas para garantir-lhe um pequeno bem-estar. As artistas de teatro, se não possuem outros recursos além de sua arte, não podem ter uma vida luxuosa.

Ora, Luísa conservara-se tão inocente como no dia de sua chegada a Paris. Em vão os tenores mais irresistíveis e os mais patéticos barítonos a tinham solicitado com o fim de legítima ou ilegítima união. Recusara-os a todos, energicamente. Quanto aos diretores, autores, jornalistas, políticos, financistas, que borboleteavam pelos bastidores procurando aventuras brilhantes e fáceis, todos sem exceção haviam sido delicada mas resolutamente desenganados nas suas pretensões.

Estela conservava a sua casta solidão e a sua altiva virgindade.

Repartia o tempo entre o desenho e o canto.

Apesar de modesta, sua casa na Vila Montmorency, em Auteuil, possuía uma bela sala transformada em ateliê; e as horas mais felizes da existência de Luísa eram as que passava sozinha nesse grande aposento cheio de luz, a gravar ou a pintar.

Permitia-se, então, a fantasia de vestir-se à moda do século XVII. Esse vestido, desenhado por ela, é a cópia do de Rembrandt. Um boné de peles pousando sobre os belos cabelos louros, que deixava soltos, cobrindo-lhe os ombros; uma túnica aberta, oriental, ricamente bordada, flutuando sobre um gibão de veludo que lhe desenhava as formas virginais e adoráveis.

Tratava-lhe dos arranjos da casa Verônica, uma boa mulher, viúva e sem filhos, que mandara vir de Anduze. Calvinista austera, a vida original de Luísa espantava um pouco, o que não a impedia de ter pela sua senhora uma adoração entusiasta.

A fiel afeição de Marieta não afrouxara; esta amiga, alegre e despreocupada, freqüentava Luísa como sempre. Renunciara ao teatro e parecia agora fixada numa existência aproximadamente regular, mantendo em favor do seu amigo João uma fidelidade suficiente da qual este, sempre enamorado, não duvidava um instante.

Marieta, de cada vez que vinha visitar Luísa, indignava-se da sua resistência aos brilhantes oferecimentos que seus admiradores lhe faziam constantemente.

– O teu juízo não passa de uma tolice. – dizia ela. – Podias viver como uma princesa, e vegetas como um figurante. És idiota.

Além de Marieta, só mais uma pessoa conseguia acesso na Vila Rembrandt: o Doutor Morisseau. Porém, suas visitas eram raras. Luísa tinha por ele uma simpatia verdadeira, à qual se misturava um sentimento singular, quase de medo.

Por vezes, Morisseau lhe propunha interrogarem a mesa; mas Luísa recusava sempre; não queria demorar o pensamento em certos fatos que pareciam ter sido determinados por uma força misteriosa para fins desconhecidos. Aliás, Morisseau era discreto e nunca falava de Farold nem de Morel.

Farold!... Morel!... Como Luísa estava longe de tudo isso agora! Ao recapitular tais acontecimentos, admirava-se consigo mesma da fraqueza que a levava por duas vezes até o consentimento de unir sua vida a homens por quem não tivera amor.

“O que será o amor? – pensava ela. – Todos os poetas o cantam, todos os romancistas o celebram, todas as mulheres o sonham, todos os homens são agitados por ele. E eu nunca o senti. Os homens que me admiram e me cortejam parecem-me tão feios, tão maldosos, tão frívolos, tão egoístas, que preferiria mil mortes a entregar-me a um deles.”

E sorria desdenhosamente, lembrando-se do heróico Morel, que no seu palacete de Ruão, levava a existência de um fidalgo lavrador, enriquecia e criava respeitável obesidade.

* * *

Era naquela noite a última representação de “Lakmé”, antes do encerramento anual do teatro.

Luísa, no palco, ocupada no desempenho de seu papel, abstraía-se sempre completamente da platéia.

Daquela vez, porém, deu-se uma singular exceção. Apenas entrou em cena, notou, apesar da penumbra da sala, um espectador sentado na quinta fila da superior. Era estrangeiro sem dúvida, pois se apresentava com a elegância irrepreensível e a especial distinção que caracterizam os ingleses ou americanos da alta sociedade.

Luísa reparou que os olhos desse homem a seguiam com estranha insistência e que naquela contemplação se absorvia de tal modo, que nada mais parecia interessá-lo. No entanto, essa admiração intensa conservou-se platônica. Foi ele talvez o único espectador que não aplaudiu freneticamente a encantadora Lakmé; e tal abstenção deixou Luísa ligeiramente despeitada.

Durante aquela noite o sono de Luísa foi agitado por sonhos vagos. Viu formas diversas passar confusamente diante de si. Pareceu-lhe ouvir o ruído das vagas quebrando-se contra o costado de um navio, sentiu-se possuída por inexplicável cólera e

arrebatada em êxtases mais inexoráveis ainda. Por mais de uma vez, as sonoridades de uma língua estrangeira vibraram perto dela. Mas todas essas imagens e sons fugiram sem deixar vestígios.

A noite pareceu-lhe longa, interminável.

Sem dúvida, num estado de sonambulismo ou de inconsciência, entre dormir e acordar, levantara-se para escrever, pois encontrou de manhã à cabeceira, sobre uma folha de papel, estas palavras: “*Eros vai chegar*”.

Uma escrita enérgica; letras grandes, angulosas, como se usavam no século XVII.

Para dominar esse estado mórbido, Luísa embrenhou-se no trabalho; um desenho principiado e que diligenciava gravar. Intitulava-se: *Um casamento cristão no século II*. A virgem levada ao altar era ela própria. Porém, o que se tornava assombroso era a semelhança do noivo com o estrangeiro entrevisto por acaso na véspera, na penumbra do teatro. Sim, era ele exatamente, feição por feição. Fora sem dúvida por causa dessa extraordinária semelhança que Luísa o notara na platéia.

Tão singular coincidência, ao invés de a fazer sorrir, tornou-a pensativa.

A cena passava-se nas catacumbas; iluminava-a uma claridade incerta, mística. Um sacerdote, cujo rosto mal se distinguia, abençoava o jovem par. Só agora Luísa reparava que esse sacerdote tinha a aparência de Rembrandt. Por que inesperada fantasia representara ela Rembrandt, de aspecto vencedor, mas sim o artista já tocado pela idade, e cujos olhos profundos e sonhadores parecem adivinhar o pensamento daqueles que o encaram?

“Meu pai dizia que eu tinha em mim a alma de Rembrandt. — pensou Luísa com melancolia. Que pena não ser verdade! Ao invés de amontoar esboços informes, criaria obras primas...”

Bateram à porta. Luísa estremeceu. E, de súbito, uma noção estranha e poderosa impôs-se-lhe soberanamente: a noção de que um acontecimento grave, o mais grave de sua vida, estava prestes a desencadear-se. Pressentimento rápido como o

relâmpago e que, como o relâmpago, a deslumbrou, deixando-a, em seguida, nas trevas.

Momentos depois, Verônica entrava:

– É um senhor que deseja falar à menina. Eu lhe disse que a menina não estava em casa, mas ele respondeu que esperava, nem que fosse até amanhã.

No cartão de visita Luísa leu:

Ricardo Richardson

III Avenida – Nova York

O nome de Ricardo Richardson era-lhe completamente desconhecido. Sua própria mãe, Genoveva, nunca o ouvira pronunciar, de tal modo Marcelo mantivera o silêncio em torno do acontecimento doloroso, e a seus olhos, infamante, que sombreara sua adolescência.

Luísa hesitou, perplexa. Tinha a certeza absoluta de que o visitante era o espectador que notara na véspera, durante a representação de “Lakmé”. Por que motivo se lhe impunha assim tal convicção? Não podia dizê-lo, mas tinha a certeza, a certeza absoluta...

– Está bem – disse ela, por fim, a Verônica – manda-o entrar daqui a um instante, e que me espere.

E saiu, não desejando aparecer àquele desconhecido, em trajes do século XVII.

Ricardo, introduzido por Verônica, entrou no ateliê de Estela. Apesar de ter quase quarenta e quatro anos, parecia ainda muito jovem. As expressões leais, as feições de beleza viril, indicavam uma vontade forte, o domínio de si próprio e, ao mesmo tempo, uma grande doçura sombreada de melancolia.

Estava visivelmente comovido; e essa comoção aumentou ainda ao reconhecer algumas daquelas águas-fortes e gravuras que outrora tinham encantado a sua juventude.

Olhava-as, perplexo. Então... então aquela espantosa semelhança que na véspera, no teatro, o alvoroçara como a aparição de um fantasma não fora ilusão? Tudo aquilo lhe

recordava Luísa, aquela Luísa que tanto amara e tanto amaldiçoara... Quem o veria agora entrar naquela sala? A filha de Luísa? A sua própria filha, talvez..., Quem sabe? E se fosse a própria Luísa que, no palco, ao longe e pintada, lhe parecera ter vinte anos?

Batia-lhe o coração desordenadamente; as mãos lhe tremiam.

Quando Luísa apareceu, ele ainda não estava em si.

Logo ao primeiro golpe de vista entendeu que aquela mulher tão jovem e viçosa não podia ser Luísa.

– Senhora Estela – o disse em voz hesitante – queira desculpar o meu atrevimento, de me apresentar assim em sua casa... Mas não é possível que o nome de Luísa Leimatre lhe seja desconhecido.

– Era minha tia – respondeu Estela. – Morreu dois anos antes do meu nascimento. Minha mãe me disse que a minha semelhança com ela é extraordinária.

Ricardo ficou petrificado.

O que?... Pois Luísa morrerá? Luísa, que fora toda a sua esperança, todo o seu desespero?

Não, Luísa não morreu. Está ali viva, diante dele, vibrante de mocidade e encantadora como dantes... a mesma... A voz, os gestos, os olhos, os cabelos, os lábios delicados, levemente trocistas e ao mesmo tempo de expressão tão doce... Luísa não morreu; Luísa não envelheceu. Luísa está ali...

Por mais que se esforçasse, Ricardo não encontrava uma palavra que não lhe parecesse imbecil ou desastrada. E aquele silêncio, prolongando-se, perturbava Luísa.

– Poderei saber qual o motivo que o trouxe aqui? – perguntou ela timidamente.

– Queria dizer-lhe... desejava saber... Perdoe-me! Estou tão fora de mim neste momento que, se me permite, voltarei noutra ocasião.

E foi-se embora, ou melhor, fugiu, não querendo que Estela presenciasse por mais tempo aquele seu estado de alvoroço e desnorteamento.

Desde que vira Estela, a lembrança de Luísa surgira-lhe na alma com assustadora vitalidade.

Recordava o ateliê de Faverol, o navio La Touraine que o levara com sua noiva para a América... Lakmé, que acabava agora de o endoidecer com a sua beleza... Confundia todas essas imagens e só compreendia uma coisa: que amanhã tornaria a ver Estela.

Amanhã? Como é longa a espera sem fim até amanhã!

Fechou-se no quarto do hotel, pois queria estar só com as suas esperanças e recordações. Mas andava-lhe o espírito tão perturbado, que teve uma alucinação.

Seria uma alucinação?

Altas horas, estando já apagada a lâmpada elétrica, reparou numa vaga forma diáfana e esbranquiçada que flutuava junto do seu leito. Gradualmente aquela nuvem condensou-se, tomou contornos humanos.

Era uma mulher. Vestiam-na véus ligeiros e alvíssimos. – Luísa... – murmurou ele – Luísa... és tu?

O fantasma tomava aspecto de momento para momento mais real.

Era Luísa e sorria-lhe. Viram-lhe os olhos vivos e brilhantes e pareceu-lhe que se inclinava para ele e o beijava na fronte. Sentiu-lhe o calor dos lábios.

– Não te vás embora já... – implorou ele. – Demora-te um pouco mais...

Porém tudo desaparecera.

Na mesma hora, naquela noite, Luísa caía num sono profundo; e quando acordou com a claridade do alvorecer, sentiu-se invadida por uma serena e inexplicável felicidade.

Ao procurar de novo Estela, Ricardo ia perseguido por uma idéia fixa: queria saber qual fora o passado amoroso daquela criatura tão deliciosamente bela. Exposta a todas as tentações, devia ter recebido, naquele mundo brilhante e corrupto, tantas homenagens e adulações, que seria insensato supor-lhe a virtude de uma vestal.

“Sem dúvida teve amantes. – pensou ele. – E que amantes! Que miseráveis!”

E evocando tais profanações, assaltava-o uma raiva concentrada e feroz.

Logo, desde as primeiras palavras trocadas, perguntou a Estela se era feliz.

Ela admirou-se um pouco; mas não lhe levou a mal a estranha pergunta.

– Feliz? Certamente! – disse ela. – Não sou rica; mas depois do êxito de Lakmé, espero obter para o ano uma situação razoável.

– Tenciona então continuar sua carreira teatral?

– Por que não?

Se tivesse ousado, Ricardo lhe responderia: “Porque sofro em vê-la examinada, admirada, desejada por milhares de imbecis; porque recebe homenagens que me desesperam; porque quero que seja minha, só minha e de mais ninguém...”

Como não podia dizer essas loucuras, calou-se.

E agora era Estela que, ingenuamente, lhe pedia explicações:

– Como conheceu minha tia? É realmente assim tão assombrosa, como me diziam, a minha semelhança com ela?

Ricardo tinha horror à mentira. Pensava, com razão, que mentir é uma desonra. Mas fazer uma narração incompleta não é mentir. Não falou, portanto, do seu noivado com Luísa, nem da fuga para a América, mas apenas dos estudos que, em comum, tinham feito no ateliê de Faverol.

– Sua tia tinha um extraordinário talento para o desenho; e parece-me que a sobrinha... – interrompeu-se para examinar o esboço que estava no cavalete, e acrescentou:

– Sim, vejo que não me engano... E é exatamente a mesma maneira... tinha também adoração por Rembrandt.

– É o Mestre! – disse Estela gravemente.

– Então por que não abandona o teatro para se dedicar à pintura e ao desenho?

– Vejo que é tenaz. – exclamou Estela rindo. – Qual é o motivo da sua insistência? Acha que canto mal?

Ricardo não podia em verdade levar o seu ciúme a ponto de manifestar uma opinião que não tinha.

– Não. – disse ele. – Achei-a admirável no palco... Mas... é justamente isso que me atormenta.

Sua expressão, ao pronunciar estas palavras, era tal, entre perplexa e descontente, que Estela não pôde deixar de sorrir. Lia no pensamento de Ricardo como num livro aberto, e achava deliciosa essa leitura.

– Sossegue. – disse ela. – A noite em que me ouviu foi a última desta temporada. E, para o ano, quando eu recommençar a cantar em público, já não estará em Paris.

– Não saio de Paris enquanto a senhorita aqui estiver – disse isso sem refletir, rapidamente, loucamente, como um homem embriagado.

Estela fingiu não ter ouvido.

– Parece-me que não gosta de música – disse ela.

– No entanto, se quiser, vou cantar-lhe uma ária de “Lakmé!”

– Não. Hoje não. É preciso que eu tenha um pretexto para voltar amanhã.

E saiu, tonteado e assustado pela ousadia das suas próprias palavras e por sentir a força irresistível que o impelia.

Por volta da meia-noite, pela segunda vez, Ricardo teve uma visão.

Uma névoa fosforescente elevou-se devagar do solo, condensando-se mais e mais, foi tomando a forma de um ser humano.

Desta vez, porém, não era Luísa, mas sim, um homem de fisionomia risonha, que o olhava com expressão bondosa e irônica ao mesmo tempo.

Coisa singular! Ricardo não sentiu susto nem abalo algum.

– Rembrandt! – murmurou ele.

O fantasma tinha tal aparência de vida e aproximara-se tanto que Ricardo, erguendo-se um pouco, estendeu os braços para tocá-lo.

Porém, apenas fez esse movimento, a visão desapareceu e o quarto ficou às escuras.

– Decididamente – disse Ricardo em voz alta –, estou endoidecendo. Paciência! Abandono-me à minha loucura.

Como torrente que, depois da tempestade violenta, se precipita das montanhas arrastando nos seus turbilhões troncos de árvores, rochedos, destroços que arranca ao solo devastado, assim o amor arrebatava, vertiginosamente, para misteriosos destinos, o pensamento e a vontade de Ricardo.

Quando chegou à casa de Estela no dia seguinte, disse-lhe:

– Vi Rembrandt esta noite.

E contou-lhe a sua visão.

A narrativa impressionou-a muito. Não acreditava nas fábulas espalhadas pelos espíritas; porém, depois de tantos acontecimentos extraordinários e inexplicáveis que pareciam encadear-se, via-se obrigada a confessar a si própria que, entre ela e Rembrandt existia uma afinidade misteriosa.

Morisseau lhe dissera que os médiuns têm um guia, um protetor que preside aos seus destinos. Certamente o seu guia era Rembrandt, esse mestre tão admirado, de quem ela compreendera tão profundamente o gênio.

Seria pois verdade? Rembrandt, o grande Rembrandt, assim tão ligado à sua vida e à de Ricardo?... Pois não fora ele quem a protegera contra Farold, e depois contra Morel? E não seria ainda Rembrandt quem agora lhe impunha tiranicamente a imagem de Ricardo?

Pensava em Ricardo constantemente e esperava a sua visita com ansiedade. Jamais a alma lhe fora agitada por sentimento que, de longe, se assemelhasse ao que presentemente a alvoroçava. Ao pensar em Ricardo, o seu coração pulsava com tanta força, que tinha de levar a mão ao peito para lhe comprimir as pancadas tumultuosas.

Fechando os olhos e em funda concentração, murmurava:

“Ricardo... Ricardo...”

E estas três sílabas pareciam-lhe impregnadas de suavidades infinitas.

No entanto, naquele dia notou que Ricardo estava distraído. Com efeito, reparara ele num belíssimo diamante que brilhava na mão de Estela; e aquele diamante intrigava-o, impunha-lhe idéias sombrias, martirizava-o.

– Tem aqui dois anéis. – disse ele pegando na mão de Estela.
– Conheço o pequenino; era um que sua tia usava sempre, quando trabalhava comigo no ateliê de Faverol... Mas o outro, o outro, tanto mais rico e que me é tão pouco simpático?

– É um anel que me deram – respondeu Estela corando levemente.

– Quem?

Já lhe parecia que tinha o direito de pedir contas a Estela, das jóias que usava. Era absurdo; porém, nem um nem outro o percebia.

– Foi Matias Farold.

– Quem é esse Matias Farold?

– Era o proprietário do Novo Teatro Lírico. Já morreu. Deu-me este anel como recordação de minha estréia no teatro.

– Ah! Ah! – exclamou sarcasticamente Ricardo.

– Muito bem, muito bem!

Uma onda de sentimentos contraditórios invadiu o espírito de Luísa.

A surpresa deliciosa de ver o ciúme intenso de Ricardo, o receio de que esse ciúme (que parecia tão largamente motivado) degenerasse por fim em desprezo e aversão... mas, sobretudo, a felicidade imensa de poder dizer um dia a Ricardo (não hoje, certamente, mas talvez em breve) que aquele anel de Farold nada significava, que Farold nunca fora seu amante, e que guardara para ele, Ricardo, toda a pureza de seu coração e de seu corpo...

Tais movimentos da alma não se podem descrever. Tudo isto se acendeu e se apagou como um relâmpago.

De resto, naquele momento, a conversa foi interrompida pela chegada de Marieta, que fez no ateliê uma entrada barulhenta e suntuosa. Um perfume delicioso, mas que não era o da virtude, exalava-se da sua pessoa elegante e risonha.

Apenas Ricardo lhe foi apresentado:

– Aposto – disse ela – que é um fervoroso admirador de Estela...

– Sem dúvida. – respondeu friamente Ricardo. – Desenha maravilhosamente e estão aqui águas-fortes em verdade dignas do mestre.

– Do mestre? Ah! sim, Rembrandt, a quem chamam também Van Ryn... – disse impensadamente Marieta. – É o anjo da guarda de Estela... Ouviu? Ouviu-o dizer que sim?

Com efeito, uma pancada bastante forte estremecera o cavalete que se achava colocado no meio do ateliê.

Sem esperar resposta, Marieta continuou:

– Talvez não creia no espiritismo, Senhor Richardson. Estela também não acredita lá muito... Quanto a mim, creio piamente. É muito interessante... sim... bem entendo... Interessa-se mais por Estela. Não é verdade que ela possui imenso talento? De pintura não percebo nada; mas a respeito da música... Estela tem uma voz maravilhosa e, se quisesse, seria a primeira cantora de Paris...

Ricardo inclinou-se sem responder, beijou a mão de Estela, cumprimentou cerimoniosamente Marieta, e saiu.

O diamante de Farold, o toailete brilhante e os perfumes de Marieta, os triunfos de Luísa no teatro, tudo se lhe tornara odioso.

Logo que ficou a sós com Luísa, Marieta disse:

– Meus parabéns! É muito simpático o teu namorado.

– Mas não é meu namorado, Marieta. É apenas a segunda vez que vem aqui.

– Sossega, que há de voltar uma terceira e muitas mais. Nunca me engano nestas coisas. De resto, tens toda a razão; não podes ficar eternamente mergulhada na tua solidão. Porém, antes de te prenderes, toma cuidado. Ele tem uma ótima aparência, não há dúvida nenhuma. Mas... nestes casos convém saber primeiro com quem se lida...

Segundo previsão de Marieta, Ricardo voltou.

Agora o seu pensamento oscilava entre o ciúme e o amor, as duas ferozes divindades que tão admiravelmente se entendem para torturar os homens que já passaram o tempo da mocidade descuidada.

Não procurava aprofundar o mistério dos estranhos seres luminosos que lhe haviam surgido junto do leito, porque a sua alma não era metafísica e atribuía à imaginação fértil, a criação das formas (porém tão vivas) que em duas noites consecutivas o tinham visitado.

Acudira-lhe uma idéia genial. Era preciso arrancar Estela do teatro, foco de tentações perigosas e de desmoralização; e, já que ela professava um culto piedoso por Rembrandt, já que Rembrandt era o *seu guia* (expressão bizarra e que Ricardo achava inepta), era pois necessário prestar um certo culto a esse *guia* e ir ter com ele ao lugar onde sua alma palpita ainda no mundo dos vivos. A obra de Rembrandt encontra-se em Haia, em Antuérpia, e sobretudo em Amsterdã. Era pois, indispensável, ir a Amsterdã penetrar o pensamento do mestre. Quem não viu a *Ronda da Noite* e o *Retrato dos Síndicos*, não é digno dele.

Ricardo não era homem para estudar transições habilidosas.

Apenas viu Luísa, disse-lhe:

– Venho dizer-lhe adeus.

– Deveras? E por que?

– O meu amor por Rembrandt inspirou-me o desejo de conhecê-lo a fundo. Não vi suas melhores obras senão em fotografia ou em cópias criminosas. Resolvi ir a Amsterdã.

Estela, surpreendida, calou-se.

Durante esse silêncio, Ricardo reparou que ela já não tinha no dedo o detestado diamante, o que o satisfez e inquietou ao mesmo tempo.

Não significaria esse fato simplesmente o desejo de abolir um testemunho eloqüente das suas antigas relações com Farold? Era quase uma confissão de culpa. Mas, por outro lado, talvez fosse remorso...

Assim, o ciúme e o amor, em vagas sucessivas, perturbam os nossos frágeis raciocínios.

Como o amor seria delicioso sem o ciúme!

Mas nesse caso... já não seria amor.

– Sabe de uma coisa? – acrescentou Ricardo depois de uma longa pausa. – A senhora Estela seria bem inspirada pelo seu guia, se ele a persuadissem a vir comigo a Amsterdã.

Vê-se que Ricardo, como todos os namorados, era bastante covarde. Servia-se de Rembrandt sem crer na sua existência presente. Tomava-o cinicamente como cúmplice.

– Eu!... Ir a Amsterdã consigo? Não vê que é impossível? – exclamou Luísa, levantando-se para disfarçar a sua perturbação.

– Impossível por quê?

– Por mil excelentes razões. Primeiro, não sei holandês...

– Passemos às outras razões – disse Ricardo sorrindo.

– Não sou rica e essa viagem é cara.

– Lá isso... aqui está uma estampa que valeria três vezes o preço da viagem, se um amador a visse.

– Mas não a verá.

– Quem sabe?

– E depois... enfim deve entender que não posso viajar sozinha consigo. Que diriam?

– Diriam que a amo, Estela – murmurou Ricardo em voz muito baixa –, e não se enganariam...

Estela empalideceu; uma onda deliciosa de felicidade envolveu-a toda. Porém dominou-se.

– Não falemos mais em tal, Senhor Richardson. – disse ela severamente. – É inútil.

Ricardo ajoelhou-se defronte dela e, agarrando-lhe as mãos com violência, beijou-as apaixonadamente.

Estela, com mais medo de si própria que de Ricardo, aproximou-se rapidamente da campainha. Verônica apareceu logo.

– Até amanhã, Senhor Richardson, se quiser. Espero que venha com mais juízo.

Se Estela tivesse seguido o conselho de Marieta e procurado obter informações sobre Ricardo, o resultado seria favorável.

Sucessor do pai na sua grande fábrica metalúrgica da Pensilvânia, conquistara ele ali uma fortuna considerável. Porém, como esse trabalho não o interessava, vendera a fábrica e vivia agora de seus rendimentos, dedicando-se exclusivamente às coisas da arte, que sempre o tinham apaixonado.

Casara-se, havia alguns anos, com uma senhora da sociedade elegante de Nova York, uma coquete, que depois se tornou azeda e de tal forma insuportável, que Ricardo resolvera separar-se dela. Fosse por indolência ou por indiferença, não requerera o divórcio. Mas cada um retomara sua fortuna e, como não tinham filhos, não houve complicações; uma vez separados, nunca mais tinham sabido um do outro; nem procurado saber.

Quanto ao seu caráter, as informações teriam sido excelentes e, se Luísa quisesse e pudesse levar as suas investigações até o ponto de averiguar o que se passava presentemente no fundo da alma de Ricardo, descobriria que um amor verdadeiro e impetuoso se apossara dele e o fizera perder por completo o domínio de si mesmo.

Mas Luísa não seguiu os conselhos de Marieta. Não pensara um instante em obter informações de Ricardo. Uma grande perturbação invadira-a toda e absorvia-a totalmente.

A morte abrupta de Farold, as intervenções misteriosas de Rembrandt, os legítimos terrores de Morel e, sobretudo, a força irresistível que agora a atirava quase aos braços de Ricardo, constituíam um feixe de fenômenos assustadores que lhe

ocupavam constantemente o pensamento e a privavam de toda a tranqüilidade.

Uma única pessoa, julgava ela, seria capaz de decifrar esses enigmas, de auxiliá-la com seus conselhos e evitar os perigos que temia; essa pessoa era o Doutor Morisseau, que Estela considerava de posse da ciência profunda desses mistérios.

Não hesitou em ir procurá-lo.

Morisseau habitava uma casa modesta na Rua de Fleurus, num velho prédio isolado.

Como não exercia a Medicina senão em raras ocasiões, não tinha sala de recepção, mas sim uma grande biblioteca onde trabalhava. Os livros, os manuscritos e os desenhos amontoavam-se em aparente desordem por todos os cantos. Era ali que ele estudava, em autores antigos e modernos, todas as loucuras e todas as verdades que, desde séculos e séculos se têm acumulado sobre a desventurada metapsíquica.

Quando Luísa bateu à porta, a noite descera e ele já tinha a luz acesa.

– Boa noite, querida Estela – disse tranqüilamente –; fique sabendo que a esperava.

– Esperava-me? – exclamou Estela assombrada.

– Não conhece Madame Boudet? – continuou Morisseau. – É uma sensitiva que cai às vezes em erros graves, mas que outras vezes tem previsões extraordinárias. Esteve aqui ontem e disse-me logo: Estela encontra-se neste momento muito inquieta. *Vão trazê-la amanhã.*

Luísa, muito surpreendida, ia falar, mas ele a interrompeu.

– Deixemos isso. Não tem importância alguma. O que lhe peço agora é que me diga se posso realmente ser-lhe útil e em quê... Seria para mim uma grande satisfação.

– O Senhor Morisseau vai provavelmente troçar de mim; e eu própria me sinto envergonhada de lhe confessar o meu susto. Mas parece-me que há à minha volta, o que quer que seja de estranho... Alguém... que talvez...

– Sim, eu sei. Rembrandt.

– Não se esqueceu do que a mesa disse em casa de Maneta?

– Disse: *Avisar-te-ei pela queda...* Não entendemos. Pois bem, estas palavras eram um aviso solene. Olhe, uma concha de ônix igual àquela caiu aos pés de Morel, aqui mesmo, no momento em que ele falava do seu amor, e por pouco não o matou... Aqui estão ainda os destroços...

– Meu Deus! – disse Luísa empalidecendo.

– Não, minha querida Estela. – respondeu gravemente Morisseau ao pensamento que ela não ousara formular. – Nada tem a reçar. Pelo contrário. Perto de si anda sempre uma força sobre-humana que a protege. Pode confiar nela. Nunca tais guias deixam de ser benfazejos. Esta força quer conduzi-la; deixe-se conduzir por ela sem receio.

– Então – perguntou Luísa timidamente – então... É absurdo o que vou dizer, Senhor Morisseau; mas perdoe a minha ignorância... Acha que, se alguém me falar de amor e diligenciar fazer-me corresponder a esse sentimento... essa pessoa, por esse motivo ficará ameaçada por um destino fatal...

– Se Estela amar esse homem, não, mil vezes não! A força que a guia, que conduz a sua vida, que a leva a um futuro desconhecido, não quis Farold nem Morel e afastou-os do seu caminho. Se essa força pretender que Estela ame um homem, que certamente lhe está destinado, ama-lo-á, quer queira, quer não. E esse fato, longe de lhe ser fatal, a ele, torna-la-á feliz. Para ele como para você, Estela, tudo isso será irresistível... e encantador.

Morisseau sorriu e Luísa baixou os olhos, envergonhada.

– Não lhe peço confidências – disse vivamente Morisseau –, a minha missão é simplesmente tranquilizá-la.

E como Luísa não respondesse, ele acrescentou:

– Ninguém compreende o amor. Pensam que é um sensualismo vão, um capricho, uma fantasia... Não! E até nos homens mais frívolos, nas mulheres mais coquetes, o amor é inspirado pelos semideuses que presidem as nossas agitações. Não é o acaso que nos faz encontrar aquela ou aquele que nos está reservado para fins superiores, misteriosos. Somos

instrumentos dessas divindades oniscientes que de nós se servem como entendem. Um aperto de mão... dois olhares que se cruzam... algumas palavras trocadas... e, de súbito, reconhecemo-nos, temos a impressão de tornar a ver-nos depois de longa ausência. Daí a pouco se unem duas almas e dois corpos, arrastados um para o outro por força irresistível, nascida desse encontro banal. Então as vidas anteriores que palpitam em nós ficam satisfeitas, pois anseiam por dar nascimento a outras vidas, e foram elas que determinaram essa união... Sim, bem sei; tudo isto é ainda muito obscuro. Mas um dia, pelo menos para você, Estela, far-se-á a luz. Por agora, não percamos tempo com estes sonhos tão vagos ainda; e tratemos de saber o que as suas forças protetoras esperam de você. Ponha as mãos sobre esta mesa; talvez Rembrandt condescenda em nos dar qualquer esclarecimento.

Luísa, muito impressionada, colocou as mãos sobre a mesa. Morisseau foi dizendo as letras do alfabeto e só duas palavras se formaram: *Eros. Amsterdã*.

Depois, mais nada. Coisas sem nexos.

– Entendo – balbuciou Luísa.

– Pois eu, não. – respondeu Morisseau. – Mas não faz mal. Estou ainda envolvido numa ganga terrestre espessa, que me impede de ser iniciado. Sou conduzido também, pois cada um de nós tem um guia poderoso e vigilante; mas não conheço o meu guia. Os humanos vulgares que, como eu, não são eleitos, nada percebem e julgam viver a própria vida, ter vontade sua, caprichos, desejos... Engano! São conduzidos por forças inteligentes, inominadas, inúmeras, que lhes inspiram a atração ou a repulsão. Não podem conhecê-las e julgam-se independentes. Que ilusão! De resto, que importa?... Quanto a você, Estela, tem o dom maravilhoso de poder comunicar-se com o ser que a guia. Que privilégio!

Calou-se e fechou os olhos, abismando-se numa contemplação interior.

Luísa calava-se também, respeitando a meditação de Morisseau.

– Cada qual tem a sua missão. – disse este por fim, depois de uma longa pausa. – A minha é muito ingrata: a de estudar, procurar e... ai de mim! procurar sem grande esperança de encontrar... Enfim, pelo menos posso tranquilizar os que têm medo.

– No entanto, não conseguiu tranquilizar Morel – observou Estela sorrindo.

– Pobre rapaz! Esteve muito assustado. E tinha razão, porque se tivesse teimado... Quanto a si, minha encantadora Estela, já que Eros prometeu vir... deixe-se conduzir por ele a Amsterdã.

– Muito obrigada – disse Luísa corando de novo e cheia de alegria –; mil vezes obrigada, Senhor Morisseau.

O amor apossara-se dela e vibrava-lhe tão intensamente em todo o ser, que o mistério do seu estranho destino, vigiado por forças superiores, não a preocupava.

Sabia uma coisa apenas e isso lhe bastava: podia abandonar-se àquele absorvente amor... sem perigo para Ricardo.

Quando, no dia seguinte, Ricardo entrou em casa de Luísa, encontrou-a transformada. Timidez, reserva, rubores, tudo desaparecera. O anel de Farold brilhava-lhe no dedo sem que ela tentasse escondê-lo. Audaciosamente vestira o traje com que de costume trabalhava. E como estava encantadora! Seria necessário que Ricardo fosse um santo ou um herói para resistir a tamanha sedução; e ele não era santo nem herói.

A que singular fantasia obedecera Estela? Ignorava-o. Deixava-se conduzir, simplesmente, pelo seu instinto, feliz e sem reflexão.

Desejaria ela, por acaso, de repente, que Ricardo a considerasse uma artista de costumes fáceis?

Por que motivo deixara de recear que ele a suspeitasse, pelo anel, pela extravagância do traje, pela atitude mudada, de ter sido amante de Farold, de Morel, de outros? Procederia assim para inflamar ainda mais a imaginação de Ricardo? Ou para experimentar aquele grande amor e, depois de ter imposto o respeito, desencadear o desejo? A felicidade vitoriosa resplandecia em torno dela como um halo. Estava quase

provocante, e seus lindos olhos refletiam-lhe todo o ardor da mocidade.

– Está admirado da minha transformação? – perguntou ela, sorrindo, a Ricardo, apenas lhe falou. – E não lhe parece um bom prenúncio de nossa viagem a Amsterdã?

Ricardo quis dar a melhor de todas as respostas; passando-lhe o braço à cintura, puxou-a a si e tentou beijá-la na boca.

Mas Luísa o afastou.

– Não – disse ela – Não senhor. Nada de loucuras. Desagradam-me soberanamente e não são dignas nem de si nem de mim. Iremos a Amsterdã, seja, mas como artistas, como camaradas, talvez como amigos... e mais nada.

E como ele insistisse, zangou-se:

– Se não tiver juízo, um juízo implacável, não só desisto da viagem, mas chamo Verônica e proíbo-o de voltar aqui.

Ricardo suplicou, de balde.

Não concedeu sequer que ele lhe tocasse na mão.

– Sente-se ali naquela poltrona enquanto eu continuo este esboço: *Um casamento cristão no século II*. Entretanto, dir-lhe-ei os meus projetos, quase que a minha vontade; e dir-me-á o seu. Antes de tudo, isto: quem paga a minha viagem sou eu. Conto fazer despesas doidas; quero gastar todas as economias que consegui com as representações de Lakmé; e fica proibido de me auxiliar, de me censurar ou de me aprovar. Em segundo lugar, conservaremos a nossa plena liberdade; em Amsterdã irei a museus, teatros, receberei quem me aprovar... Mas, por seu lado, gozará de igual liberdade.

– Não faço nenhum empenho em gozar da minha liberdade. Preferiria mil vezes a escravatura.

– Aí está uma palavra a mais, Senhor Richardson; tenho prazer em viajar com um camarada, mas não com um escravo.

– Então diga, com um namorado

– Ainda menos.

– Bem sei, que na minha idade...

Levantara-se. Sentia-se perplexo e infeliz.

– A idade não vem ao caso. – disse Luísa – Deixe-se ficar sentado com juízo, e ouça mais isto: Partiremos daqui a seis dias pelo trem das 8:50 da manhã para Amsterdã. Será segunda-feira, 14 de maio. Peço-lhe que mande comprar o meu bilhete e reservar o meu lugar. Neste envelope está o dinheiro. Será preciso também reservar um quarto para mim no Grande Hotel. Daqui até lá não quero que venha visitar-me. Encontrar-me-á na segunda-feira, 14 de maio, às 8:50 da manhã, na gare do Norte e aí me entregará o meu bilhete. Se algum acontecimento inesperado me impedir de partir, avisa-lo-ei no Hotel Maurice, onde se encontra hospedado. Bem vê que tudo está previsto... Mas, que é isso? Não tome esse ar desesperado!

– Estou desesperado porque não a vejo amanhã.

– Maior será o seu prazer quando me encontrar na gare do Norte.

– Ah! Estela!... Se soubesse...

Suspirou profundamente e negou-lhe a mão; mas Luísa não lhe deu licença para mais.

Ora, naquela mão, justamente, é que se achava o anel de Farold.

– Não – disse Ricardo, largando-a –, não quero essa. Dê-me a outra.

Então lhe tomou a outra mão, a que não tinha anel, e beijou a longamente, longamente...

– Basta! – disse Luísa retirando-a de súbito. – Lembre-se de que somos apenas camaradas.

– Desgraçadamente!

Então se despediu de modo brusco, tal era o seu medo de que Ricardo percebesse, adivinhasse a fraqueza que a invadia, que subia, subia, como a maré vencedora...

Ao chegar à casa de Luísa, tinha vindo muito enamorado e muito ciumento; mas quando saiu, esse amor e esse ciúme tinham tomado proporções assustadoras.

Os dias seguintes, consagrados aos preparativos da viagem, foram, para Luísa, febris e encantadores.

Quis anunciar sua felicidade a Marieta.

Marieta não sentiu sequer vislumbres de inveja; e a conduta amorosa de Luísa (sentimento que, por sua parte, ignorava), divertia-a prodigiosamente. Julgou de sua obrigação dar-lhe algum conselho de prudência:

– Sobretudo, se o amas, não lho dês a conhecer. E pensa no teu futuro. É de certo boa pessoa e garantir-te-á a situação que mereces. E não vás imaginar que o seu amor pode ser afetado por esses assuntos; pelo contrário. Quanto mais sacrifícios um amante faz por nós, mais nos ama. Nunca João se mostra mais enamorado do que nas ocasiões em que lhe peço vestidos, jóias, automóveis...

– Deves ter razão – disse Luísa –, mas sinto-me absolutamente incapaz de tais raciocínios, de diplomacia e de prudência.

– És adorável! – exclamou Marieta abraçando-a. – Mas isto não é um adeus para valer. Apesar da hora ser muito matinal, quero ir à gare assistir à partida para Citera...

O acaso (seria o acaso?) fez com que Luísa, na véspera da partida, encontrasse Morisseau na Avenida da Ópera, no momento em que saía de uma grande loja de artigos de viagem.

– Então – disse ele, fitando-a com o seu olhar profundo –, vai deixar Paris?

– Vou. Por alguns dias.

– Amsterdã, não é verdade?

Luísa não respondeu, o que, em si, era uma resposta.

– Não se esqueça de ir ver o *Retrato dos Síndicos*. É preciso que Eros não a faça esquecer o mestre.

E Morisseau afastou-se rapidamente, deixando Luísa envergonhada. A verdade é que, naquele momento, pouco a preocupava a pintura de Rembrandt.

Por vezes sentia as nuvens do ciúme se amontoarem no azul do seu céu luminoso; mas, em breve, essas negras companheiras

do amor voavam para longe. Não era ciumenta. Não perguntava a si mesma qual fora o passado amoroso de Ricardo; tempestuoso, sem dúvida, como o de todos os homens que transpuseram o tempo da mocidade despreocupada. Porém, o pensamento de Luísa não investigava tais assuntos.

E, provavelmente, as forças que presidiam aquela união tinham também livrado Ricardo dos ciúmes dos primeiros dias. Já não queria saber se o passado de Luísa fora agitado. De certo, fora. Mas, que importava? O presente mostrava-se tão radioso, que as antigas sombras fugiam.

Na gare do Norte, encontraram, não só Marieta, mas também João, que estava desejoso de conhecer o conquistador de Estela.

Ricardo sentia-se tão feliz, que aceitou de bom grado a presença de Marieta e João.

Parecia a viagem de núpcias de dois recém-casados; Marieta e João representavam a família.

Ricardo reservara todos os lugares da cabine aonde ia com Luísa; e assim não tiveram de suportar vizinhanças importunas.

Porém, durante a viagem, Luísa conservou-se silenciosa, quase triste, mal correspondendo às atenções de Ricardo. Perdera o coquetismo de alguns dias atrás.

Apenas o trem começou a rodar, Ricardo quis pegar-lhe nas mãos; porém, muito grave, Luísa retirou-lhes.

– Prometeu-me que seríamos dois camaradas. Tem de cumprir sua promessa.

Estava tão comovida, que as lágrimas lhe bailavam nos olhos. Mas não eram lágrimas de dor; sentia-se como que embriagada, penetrada toda por uma felicidade profunda.

Pelo caminho, Ricardo foi falando de si, dos seus projetos de outrora, dos seus projetos presentes...

E as cidades, as povoações, os campos, as estações passavam diante de seus olhos distraídos e radiosos.

Enfim, à noite, chegaram a Amsterdã.

Ricardo mandara reservar os dois melhores quartos no Grande Hotel, quartos contíguos, dando ambos para uma salinha, luxuosamente mobiliada.

– Obrigame a fazer despesas doidas – disse Luísa sorrindo.

– De modo algum. Esta sala é uma dependência do meu quarto e não do seu. No entanto, quando quiser servir-se dela, com muito gosto dar-lhe-ei hospitalidade.

Jantaram juntos. Luísa retirou-se cedo, dizendo-se cansada.

Logo depois (mas a ela pareceu-lhe longo tempo), Ricardo subia também para seu quarto.

A porta de Luísa estava fechada. Ricardo bateu discretamente e não obteve resposta. Quis abrir; o ferrolho estava corrido. Se ele tivesse feito mais força, quem sabe?... Talvez a porta cedesse, mas não se atreveu.

Então, bastante desanimado, atirou-se vestido para cima da cama, à espera do imprevisto, do inverossímil, sonhando de olhos abertos.

A espera foi longa. Por fim, ouviu o ruído do ferrolho correndo, e a porta abriu-se devagarzinho.

– Estela! Estela!

– Sim, Ricardo, sou eu que agora venho ter contigo.

Ricardo ajoelhou-se diante dela, cobriu-lhe as mãos de beijos. E desta vez Estela não o repeliu.

– Ricardo, vou dizer-te toda a verdade, toda a radiosa e triunfante verdade. Pensaste, e pensas talvez ainda, que tive um amante, vários amantes... que não reservara para ti toda a inocência de minha alma e de meu corpo. Não é assim, Ricardo; enganas-te. Sem eu saber, esperava-te. Não, não! Nunca pertenci a ninguém e nunca pertencerei senão a ti! Fui protegida por forças quase divinas a fim de poder entregar-me a ti completamente. E tenho confiança no teu amor, e dou-me a ti com alegria, sem receio e sem pudor... porque te amo, Ricardo, e amei-te desde o primeiro instante em que te vi. Esperava-te... E agora, aqui estou!

Decorreu um mês de infinita ventura, quase de delírio. Os dois amantes não tentavam sequer esconder a sua felicidade profunda. E, de certo, as forças superiores que os protegiam estavam satisfeitas, porque não vieram perturbar com manifestações da sua presença o sonho delicioso em que os dois se embalavam.

Rembrandt desaparecera. Eros dominava como senhor absoluto.

No fim do segundo mês, Luísa e Ricardo resolveram voltar para Paris. Naquela época os visitantes estrangeiros invadiam Amsterdã em grupos numerosos, barulhentos e importunos, tornando a cidade insuportável aos dois namorados.

Na véspera do dia fixado para a partida, altas horas da noite, Ricardo acordou e admirou-se de não encontrar Luísa ao seu lado.

A claridade fantástica da lua iluminava o aposento. E Ricardo viu a porta do quarto abrir-se e Luísa entrar lentamente.

Tinha os olhos fechados e, antes de Ricardo lhe dizer uma palavra, falou-lhe ela em tom solene:

– Ricardo, lembras-te de Mabel?

Ricardo estremeceu. Aquela voz e o nome de Mabel evocavam-lhe de repente, na memória, um mundo esquecido.

– Reconheces-me agora, não é verdade? Sabes que estive contigo no ateliê de Faverol, que atravessamos o Atlântico juntos, a bordo do Touraine... Se voltei à Terra e tomei a forma de Estela, foi para tornar a amar-te. As entidades superiores que nos guiam assim o determinaram. Tinha de vir buscar o teu perdão, expiar o meu crime, a minha cólera, a minha desvairada partida que tanto te fez sofrer... Ricardo, lembras-te de Mabel Londnore?... Sossega; Luísa, esta Luísa que é agora tua amante e que, há um momento dormia a teu lado, ignora tudo isto e há de ignorá-lo para sempre. Ama-te loucamente porque... a sua alma sou eu. Mas sei tudo... Por que tremes, Ricardo? Não foste culpado; apenas um pouco leviano. Mas eu fui culpada. Deixei-te precipitadamente, cega por um ciúme cruel... É isso que tens de me perdoar. Lembras-te de Max? Lembras-te com certeza.

Porém, o que não sabes é que Max era um traidor e um covarde. Ah! está agora longe da Terra, expiando os seus erros... mas foi infame... Vinha visitar-me em Nova Iorque, à casa que me tinha dado. Declarava-me o seu amor; um grande amor, dizia ele. Inspirava-me repulsão e expulsei-o da minha casa. Foi então que me disse: “Esse Ricardo que tanto amas, lhe é infiel; está noivo de Mabel Londnore e vai com ela esta noite ao teatro.” Fiquei louca de dor e de cólera. Max levou-me ao teatro, onde te vi ao lado de Mabel, muito chegado a ela... Observava eu todos os teus gestos, todos os teus olhares e, nesse momento, só me inspiravas ódio. No entanto, não eras criminoso, não amavas Mabel; nunca pensaste em me abandonar. Mas eu me achava tão fora de mim, tão enlouquecida de ciúmes, que nessa mesma noite parti de Nova Iorque. Sim, parti, sem te deixar uma carta, uma explicação... E tu então julgaste que eu fugira para me entregar não sei a que miserável aventura... Deixei-te assim, meu pobre Ricardo, e voltei para minha terra, essa França que já então amavas e amas agora ainda mais. Lá em Anduze, onde me refugiei junto dos meus, a doença em breve me privou da força de pensar e de viver... Se te escrevesse, não me responderias, porque me julgavas indigna... E quando aquela minha dor terrestre acabou, quando a minha alma se desprendeu enfim do corpo enfraquecido, o meu único pensamento, o meu único desejo era encontrar um meio de expiar minha culpa, tornando-te ainda feliz... Tinha de conquistar o perdão de minha mãe – esta já me perdoou – e o teu... Ricardo, agora que sabes a verdade, perdoas-me?

Ricardo tremia violentamente. Fazendo um grande esforço, estendeu as mãos para Luísa, tentou abraçá-la. Mas ela se desprende com doçura, dizendo:

– Ver-me-ás sob esse aspecto antigo, mais uma vez. Mas então...

Soltou um profundo suspiro que era quase um gemido.

– Que pena... as grandes venturas durarem tão pouco na Terra! Brevemente saberás e compreenderás... Ricardo, há o inevitável; o inevitável que nos envolve e nos domina...

Teve um sorriso enigmático e triste; e, de súbito, a fisionomia transformou-se-lhe e toda a sua atitude mudou.

Abriu os olhos e desatou a rir.

Estela voltara.

– Como é isto? Por que estou eu aqui de pé, no meio do quarto? Vais pensar que sou sonâmbula... Serei?... Que lugar tão lindo! Mas... que tens tu? Estás tremendo tanto... Vou fechar a janela. Faz frio, não é verdade? Amo-te, Ricardo. Dá-me a tua boca...

Deitou-se ao seu lado e adormeceu como uma criança.

Ricardo, com o cotovelo apoiado nas almofadas, inclinava-se para ela e olhava-a com terror e admiração.

O vazio das coisas humanas aparecia-lhe em todo o seu majestoso e tremendo esplendor.

Pensamento, tempo, espaço, amor, que significação têm afinal estas palavras fatídicas nas quais sepultamos a nossa ignorância?

* * *

No dia 14 de julho de 1914, à tarde, Luísa e Ricardo chegavam a Paris.

Nesse dia, execrável entre todos, nasciam gravíssimos acontecimentos que deviam abalar sinistramente o mundo social.

Alguns grandes da Terra – alemães, austríacos, húngaros – bandidos sem escrúpulos, haviam desencadeado sobre a face do globo a fúria sanguinária da besta humana.

No dia 29 de julho de 1914, em toda a França, a mobilização geral foi decretada.

Sem hesitar, Ricardo abraçou o partido de sua pátria de adoção, a pátria de sua mãe e de Estela. E, como tinha a alma nobre, não quis ser espectador passivo do grande conflito perante o qual era desonroso conservar a neutralidade.

Apesar de contar quarenta e três anos, o seu corpo e sua alma eram de um jovem. No dia 30 de julho alistou-se na Legião Estrangeira.

Luísa não tentou dissuadi-lo. De todas as suas provas de amor, essa foi talvez a maior.

Aliás, uma grande febre de heroísmo apossara-se de todas as almas.

E depois... *há o inevitável.*

* * *

Três meses decorridos.

Tempo frio de novembro. Espalhados sobre uma enorme planície que uma chuva torrencial transformara em charco, os homens da Legião Estrangeira ocupavam imponentes trincheiras defronte das quais se adivinhava a massa formidável da infantaria alemã, coberta por invisível artilharia.

As granadas rasgavam o ar, tornando-se, de instante para instante, mais freqüentes.

Subitamente, um grande silêncio; e os soldados perceberam que o ataque ia começar.

A Legião encontrava-se naquele posto avançado e perigoso, a fim de interromper a marcha dos alemães para o mar.

Ricardo relia a carta de Luísa...

“... que te direi, querido, que desejaria estar a teu lado para compartilhar contigo perigos e cansaças? Mas tenho confiança; tornaremos ainda a viver dias felizes como os de Amsterdã.

Vou dar-te uma grande notícia. Lembras-te do lindo sonho que nos embalava, de um filho nascido do nosso radioso amor? Essa esperança tornou-se realidade. Já não há dúvida possível. Será um rapaz sem dúvida, e um herói como seu pai. Chamar-se-á Ricardo, não é verdade? E será belo, valente e generoso como tu. E sabes o que lhe desejo também? Que venha um dia a conhecer a doçura de ser amado como seu pai...

Bem vês, nestas condições, tenho de me despedir.

Marieta assegurou-me que o Doutor Morisseau partiu para a guerra e se encontra na mesma região onde estás. Ah!

Senhor! que perigos! Nem é viver, andar assim tão exposto. Mas tenho tanta confiança na tua prudência como na tua coragem.

E, depois, estamos bem protegidos, como sabes. Ontem, durante a noite, tive um sonho. Sonho ou visão?... Vi Rembrandt. Olhava-me com um sorriso triste. Ouvi a sua voz que diria: – *Brevemente, todos reunidos*. – Fiquei contente. Todos reunidos significam decerto que a guerra durará pouco e que tu voltarás coberto de glória para junto de tua Luísa e de teu filho...”

A noite descia rapidamente. Ricardo já mal distinguia as letras daquela querida carta; Mas sabia-a quase de cor. Pensava nas palavras: *Brevemente todos reunidos* e sentia-se fortalecido por uma doce esperança.

De repente elevou-se no ar um foguete. Era o sinal do ataque. Nenhum soldado hesitou.

– Para frente, rapazes! – gritou o capitão.

Desataram a correr. Daí a uns instantes estavam frente a frente com os alemães. Uma formidável descarga de fuzilaria e de metralhadoras não conseguiu afrouxar o impulso da Legião Estrangeira.

– Para diante! – gritou Ricardo.

Subitamente pareceu-lhe ver ao seu lado, nas trevas, uma forma branca, vagamente luminosa; e sentiu na fronte o calor de um beijo.

Mal teve tempo de murmurar:

– Luísa!

E caiu desamparado.

Ela lhe prometera que voltaria uma vez ainda sob o seu primeiro aspecto: e cumprira a sua promessa.

Quando Ricardo tornou a si, estava no leito.

Porém, notou que a escuridão era profunda.

Um penso vendava-lhe os olhos. Mãos trêmulas, bem conhecidas, apertavam as suas.

– Ricardo, meu amor, sou eu... não fales... – dizia a voz de Estela. – Estás salvo. Curar-te-ás. Viverás. Seremos ainda muito felizes!...

Durante três dias Morisseau lutou desesperadamente para arrancar Ricardo às garras da morte. Mas o ferimento era grave. Um estilhaço de granada lhe abriu o crânio e rasgara, na sua origem, os dois nervos óticos.

A inteligência conservava-se intacta. Ricardo escutava Luísa, ainda esperançado:

– Curar-te-ás... – dizia ela. – Amo-te.

– Se pelo menos – murmurava ele – eu pudesse te ver... Tira-me este penso dos olhos. Quero ver-te mais uma vez...

No terceiro dia, ao entardecer, começou o delírio. Declarou-se uma encefalite aguda.

Morisseau e Luísa estavam junto dele.

Pelo meio da noite, pareceu-lhe ouvir, leve como um sopro apenas, uma voz que dizia: *Brevemente, todos juntos.*

Não era uma ilusão porque, no mesmo instante, um sorriso desabrochou nos lábios do moribundo. Ouvira também e... logo a seguir, expirou.

Sim, estão todos juntos agora porque Luísa morreu também. Sucumbiu-a um mal estranho, súbito, cujas causas os médicos não descobriram. Morreu dois dias depois do nascimento do pequeno Ricardo, um bebê delicioso que Marieta adotou e que adora.

Morisseau apaixonou-se também por aquela criança que está marcada, diz ele, para altos destinos.

A fim de chegar ao advento daquele pequeno ser, é que tão grandes febres, angústias, arrebatamentos e ardores agitaram tanto tempo algumas almas humanas; pois é em benefício da humanidade futura que, entre o tumultuar das guerras e dos amores, dos terrores e das esperanças, vivem os desventurados mortais de hoje, conduzidos nas trevas para destinos desconhecidos, pelas mãos de misteriosos poderes.

FIM

Notas:

- ¹ Vide *As Três Escolar Penais*, Livraria Freitas Bastos S.A., 1952. págs. 53 a 55.
- ² Referência à ópera de Reyer (1890) inspirada no conhecido romance de Gustave Flaubert. (N. R.).